

Histórico do Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

History of the Center of Archaeological Research at UFMG's
Museum of Natural History and Botanical Gardens – The
Specialized Center “Prehistorical Archaeology”
Histórico del Sector de Arqueología del Museu de História
Natural e Jardim Botânico de la UFMG

por André Prous

INTRODUÇÃO

O “Setor de Arqueologia do MHN-JB da UFMG” comporta atualmente dois centros especializados: o centro de Arqueologia Pré-histórica (que será a seguir apresentado por André Prous) e o centro de Arqueologia Histórica, que será apresentado por Carlos Magno Guimarães. Atendendo a sugestões de estudantes, colaboradores e pesquisadores atuais, propomos, portanto, o relato dos fundadores destes dois centros - em formato que tanto resgata a sua memória científica, quanto aspectos humanos e anedóticos. Trata-se quase de *memória* e não apenas de relato seco e objetivo de eventos. Com efeito, as peripécias dos primeiros anos explicam muitas das peculiaridades e do que se poderia chamar “a tradição” do Setor de Arqueologia. Acreditamos que, desta forma, este relato possa ser um exemplo interessante do que era implantar um centro de pesquisa em arqueologia no Brasil, nos anos de 1970.

O Centro especializado “Setor de Arqueologia Pré-Histórica”

RESUMO

O Setor de Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais, criado no final de 1975, realizou pesquisas intensivas, regional e tematicamente diversificadas - além de colaborações com instituições de outros estados. Privilegiou os trabalhos intensivos focalizados em um sítio ou uma região. Aproveitando a riqueza em diversidade da pré-história mineira, a relativamente alta frequência da preservação de materiais perecíveis, de restos esqueléticos humanos de grande antiguidade, a fartura de registros rupestres e a variedade regional das indústrias (realizadas sobre matérias-primas muito diversas), sua atuação se caracteriza pela preocupação em colaborar com as ciências da terra e da vida, além de incentivar os trabalhos de experimentação no estudo da cultura material. Após a separação entre as áreas de arqueologia histórica e pré-histórica, o Setor de Arqueologia pré-histórica manteve o foco nas pesquisas acadêmicas de preferência aos trabalhos contratados. Formou numerosos pesquisadores por “osmose” até a criação de cursos formais de antropologia e arqueologia na FAFICH-UFMG. Dentro dos centros que estudam a arqueologia brasileira, o Setor da UFMG se destacou por seu pioneirismo em várias áreas de pesquisa. Apresentamos aqui o histórico do Setor, detalhando particularmente os anos que se seguiram a sua formação em 1975/1976.

Palavras-chave: Arqueologia, Museu de História Natural e Jardim Botânico, História da Arqueologia, Minas Gerais, Missão Arqueológica Francesa.

ABSTRACT

This paper presents a critical history of the research in archaeology held at the Center of Prehistorical Research of the Federal University of Minas Gerais - UFMG (central Brazil) since 1975. It is chiefly focused on the early years of activity (1975-1980). The creation of the Center of Archaeological Research at UFMG, in the late 1970s, inaugurated a period of intensive, regionally and thematically diverse research. In many shelters of Minas Gerais, organic archaeological remains, very ancient human skeletons, and a great variety of rock art are preserved. The diversity of regional lithic industries, based on very different materials, is also important. UFMG archaeologists greatly emphasize technological and experimental studies. The Prehistorical Research Center of the Museum has had a pioneering role in the Brazilian archaeological research. The beginning of the 21st century is characterized by the creation of training courses for archaeologists at the Federal University of Minas Gerais, with which the Center of the Museum is deeply involved.

Keywords: Archaeology, Museum of Natural History and Botanical Gardens, History of Archaeology, Minas Gerais, French Archaeological Mission.

RESUMEN

El Sector de Arqueología de la UFMG, creado a fines de 1975, realizó investigaciones intensivas, regional y temáticamente diversificadas - además de colaboraciones con instituciones de otros estados. Siempre ha privilegiado los trabajos intensivos con enfoque en un sitio o una región. Valiéndose de la enorme diversidad de la prehistoria de *Minas Gerais*, de la preservación, relativamente alta, de materiales perecibles, de restos esqueléticos humanos de gran antigüedad, de la abundancia de registros rupestres y de la variedad regional de las industrias (que utilizan materias primas muy diversas), su actuación se caracteriza por la preocupación en colaborar con las ciencias de la tierra y de la vida, además de incentivar los trabajos de experimentación en el estudio de la cultura material. Tras la separación entre las áreas de arqueología histórica y prehistórica, el Sector de Arqueología mantuvo el enfoque en las investigaciones académicas y no los trabajos contratados. Así, se ha formado numerosos investigadores, por “osmosis”, hasta la creación de cursos formales de antropología y arqueología en la *FAFICH-UFMG*. Dentro de los centros que estudian la arqueología brasileña, el sector de la UFMG se ha destacado por su carácter precursor en varias áreas de investigación. Les presentamos, en este trabajo, el histórico del sector, detallando particularmente los años tras su formación en 1975/1976.

Palabras clave: Arqueología, Museu de História Natural e Jardim Botânico, Historia de la Arqueología, Minas Gerais, Misión Arqueología Francesa

OS ANTECEDENTES

A arqueologia em Minas Gerais nasceu de forma acidental e, poderíamos dizer, prematura, em meados do século XIX. Durante quase um século, a partir de 1845, as pesquisas se limitaram à região de Lagoa Santa e foram realizadas essencialmente por instituições estrangeiras (Missão Americano-Brasileira - 1954/1955; Missão Franco Brasileira de Lagoa Santa 1971/1976) ou de outros estados (o Museu Nacional sediado no Rio de Janeiro enviou sucessivamente Padberg Drenkpohl e de Bastos d'Ávila, no primeiro terço do século XX). Entre o final dos anos de 1930 e de 1960, alguns intelectuais mineiros amadores chegaram a criar uma Academia de Ciências de Minas Gerais, para estudar a paleontologia e a pré-história, mas suas atividades, bastante amadorísticas - como era a regra na época - se limitaram praticamente à região de Lagoa Santa, próxima à capital do estado. O médico Arnaldo Cathoud se interessava particularmente ao que chamamos hoje a bioantropologia, divulgando os fósseis humanos; o artista plástico, teatrólogo e escritor Anibal Mattos escrevia sobre a arqueologia do Brasil e de Minas; o dentista Josaphat Pena visitava sítios com registros rupestres de Lagoa Santa e da Serra do Cabral, calcando até algumas figuras; trouxe em breve visita a pesquisadora francesa A. Laming-Emperaire em 1961. O britânico Harold Walter, cônsul da Grã-Bretanha e professor de inglês em Belo Horizonte, patrocinou escavações em sítios arqueológicos e paleontológicos da região cárstica de Lagoa Santa com o auxílio de moradores de Confins, que frequentemente trabalhavam sem controle, entregando a seguir, contra pagamento, seus achados aos membros da Academia. Os resultados destas pesquisas pouco

controladas foram apresentados em dois livros publicados por H. D. Walter. Obviamente, os procedimentos dos amadores mineiros foram questionados pelos membros das duas Missões internacionais, o que levou a fortes tensões entre os “amadores” e os “profissionais”. Em 1969, W. Hurt conseguiu datar amostras de carvão coletadas em 1955, obtendo um resultado de antiguidade inesperada (cerca de 10.000 anos) para os níveis escavados mais antigos de um dos abrigos de Cerca Grande. Isto despertou o interesse da pesquisadora francesa A. Laming-Emperaire, da *Ecole Pratique des Hautes Etudes* (EPHE) de Paris, que trabalhava sobre a questão do povoamento inicial das Américas.

Prelúdio (1975 – 1979): os primeiros passos na criação do Setor de Arqueologia da UFMG e o papel da Missão Arqueológica de Lagoa Santa nesta aventura

A Missão Franco-Brasileira de Lagoa Santa

Em 1970, A. Laming-Emperaire fez um acordo com o Museu Nacional do Rio de Janeiro para realizar uma missão arqueológica na região de Lagoa Santa. A equipe devia contar com apoio de pesquisadores do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (o que ocorreu apenas no primeiro ano de pesquisa - 1971, com a vinda de Luciana Pallestrini, Vilma Chiara, Agueda Vilhena de Moraes - hoje Vialou - e Vera Penteadó Coelho). Contava também com a participação do autor destas linhas, então doutorando na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE - VI^oSection) sob a orientação da pesquisadora francesa; contratado no início de 1971, como Professor pelo Departamento de História da USP, participava também das pesquisas do Instituto de Pré-História *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 197*

criado por Paulo Duarte e terminava sua tese de doutorado sobre a pré-história do litoral sul brasileiro. As campanhas em campo da Missão, com duração de até quase 3 meses, passaram a ser realizadas durante o inverno austral nos anos de 1971, 1973/76. No ano de 1971 (cuja campanha foi dedicada à prospecção e sondagens preliminares), Fernando de Ávila Pires, Diretor do recém-criado Museu de História Natural da UFMG forneceu à Missão uma Kombi e um motorista - o brincalhão Severino. Ao mesmo tempo, a direção do Museu encorajava estudantes da Universidade a fazer estudos acadêmicos na dolina de Cerca Grande onde se encontra um sítio arqueológico famoso desde as pesquisas da expedição de W. Hurt, O. Blasi e Paula Couto nos anos e 1950. A colaboração não teve sequência nos anos seguintes. Pelo contrário, o professor R. T., formado em história natural e lotado no MHN ficou preocupado com o fato do patrimônio arqueológico do estado estar sendo levado para o Museu Nacional e tomou, em 1974, iniciativas para orientar “trabalhos arqueológicos” na região de Lagoa Santa e intimidar os pesquisadores. Fez inclusive denúncias ao Serviço Nacional de Inteligência (SNI) afirmando que a Missão remetia material arqueológico para o exterior. Felizmente, o fato de a Missão ser oficialmente coordenada por M. Beltrão, esposa de uma pessoa influente nos meios governamentais, permitiu contornar uma situação que poderia ter sido complicada. Ainda sem saber deste fato, mas já inquietos com a atuação da figura, entramos em contato com Luciano Amédée Péret, Diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) do estado de Minas Gerais e professor de Arquitetura na UFMG, que tinha demonstrado interesse pelas nossas pesquisas. As conversas

geraram um interesse por parte da Universidade e do IEPHA em criar uma estrutura de pesquisa que permitisse a permanência dos materiais arqueológicos e a formação de um grupo de pesquisadores capacitados no estado de Minas Gerais. O próprio Reitor, Eduardo Osório Cesalpino, encarregou em 1975 Gilka Wainstein (que acabava de criar a Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa da UFMG - FUNDEP) de implantar este projeto. Após contato com A. Laming-Emperaire surgiu a proposta que eu permanecesse no Brasil, sendo contratado pela UFMG para montar um centro de pesquisas arqueológicas.

A fase de criação do Setor

Naquela época, estava para voltar para França, onde iria trabalhar no novo centro de Sofia Antipolis; a perspectiva de montar no Brasil uma nova estrutura de pesquisa e agir de forma totalmente independente num estado praticamente desconhecido arqueologicamente fora da restrita área de Lagoa Santa parecia uma opção mais interessante para meu espírito pioneiro. Nos últimos meses deste mesmo ano, passei a vir cada semana passar 3 dias em Belo Horizonte (continuava ministrando aulas na USP, aos sábados de manhã). Na capital mineira, ministrava um curso de extensão - introdução à arqueologia para um público aberto - que permitiria selecionar pessoas a serem contratadas para formar a primeira equipe. Este público era muito heterogêneo; era, em boa parte formado por socialites mineiras que formavam uma associação poderosa - as *Amigas da cultura* – mas incluía também muitos estudantes e professores já graduados. Até dois alunos que estavam ainda estudando em escolas secundárias foram

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 199

excepcionalmente autorizados a assistir, informalmente, às aulas. Tratava-se de jovens extremamente motivados (Edmundo Abi Ackel e Wilfred Brandt) que pouco depois iam criar um centro de pesquisa estudantil em espeleologia, com laboratório em uma gruta de Lagoa Santa: O Centro de Pesquisas Geológicas (CPG), a partir do qual se criaria, mais tarde, o grupo Bambuí de espeleologia. Já diplomado, W. Brandt montou a empresa Brandt Meio Ambiente. Outra pessoa brilhante que participava do grupo inicial embora não tenha prosseguido na carreira arqueológica é o hoje conhecido neurocirurgião Marcio Guilherme Rosa; tinha participado, como estudante, do projeto do Museu de História Natural em 1971; colaborou com as atividades do Setor de Arqueologia até 1977, participando inclusive das escavações em Santana do Riacho.

Em dezembro de 1975, eu já era residente em Belo Horizonte e contratado pela UFMG através do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH). A Reitoria tinha idealizado um projeto de “Museu do Homem”, do qual o Setor de Arqueologia seria o primeiro componente. Alocou uma casa do Museu de História Natural da UFMG para abrigar o primeiro núcleo. Tratava-se de uma construção então desocupada, conhecida por “Casa do índio” por ter recebido, anos atrás, indígenas que deviam receber treinamento para tornarem-se guardas florestais. Nesta casa se instalou, na parte principal, Selma Alvim, uma jornalista que transitava pelo mundo das artes plásticas e deveria cuidar das artes populares e conseguiu da Companhia de Desenvolvimento do Vale do rio São Francisco (CODEVASF) uma bela coleção de cerâmicas proveniente do vale do Rio Jequitinhonha. Para a arqueologia ficou uma pequena sala e um grande espaço no

fundo da casa, onde começou o treino dos primeiros colaboradores do Setor no estudo de esqueletos e da cultura material. Para tanto se aproveitaram coleções de peças sem proveniência que estavam dispersas na UFMG e foram reunidas no incipiente Setor de Arqueologia.

O primeiro acervo do Setor de Arqueologia

Coleções de peças líticas (centenas de lâminas de machados e alguns crânios estavam guardados em caixas, provavelmente herdadas de A. Mattos que tinha morrido poucos anos atrás e tinha deixado material, assim como toda sua rica biblioteca, no Museu. Quando visitei o museu em 1970, vi este material jogado no chão, embaixo de goneiras, numa casa que deve ser hoje aquela da marceneira do Museu. Justamente indignada com este descaso, a família recuperou os livros, mas, aparentemente, deixou os vestígios arqueológicos. Outras peças vieram da FAFICH, onde o Professor Saul Martins tinha montado um pequeno Museu numa sala da Faculdade de Ciências Humanas. Barranqueiro de Januária, antigo Coronel da Polícia militar e grande erudito especializado na cultura mineira, o Professor Martins era encarregado de lecionar cultura popular. Esta coleção foi trazida para o MHN pelas autoridades superiores sem negociação prévia, o que criou certa mágoa no Departamento em relação à equipe de arqueologia, que não estava ciente desta situação. Uma grande coleção de ossos avulsos foi achada no subsolo da Faculdade de Medicina da UFMG, em caixas marcadas com os dizeres “não enterrar, fósseis”. Era obviamente proveniente das atividades da Academia de Ciências de Minas Gerais; poderia ter sido reunida tanto por A. Cathoud quanto

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 201

por H. Walter ou A. Mattos. As condições de acondicionamento não permitiam saber quais ossos pertenciam a que corpo, estavam assim misturados os restos de dezenas de indivíduos da população de Lagoa Santa, que separamos, então, em função do aspecto e da cor das crostas de sedimento que revestia os ossos. Com efeito, a partir de crânios da coleção da FAFICH cuja origem era conhecida, sabíamos aqueles provenientes de Eucalipto e de um dos *loci* de Sumidouro eram pretos (por causa da impregnação por manganês), enquanto os de outros sítios tinham patina marrom avermelhados, etc. Havia também uma calvaria de gesso com arcadas supraorbitárias exageradas como as de neanderthal, que suponho ter sido oriundo de uma brincadeira (sabemos que H. Walter “plantou” uma falsificação que fez “descobrir” por A. Mattos que fez um discurso na frente da cova aberta de onde resplendência a calota ainda semienterrada. Obviamente, a embromação foi rapidamente esclarecida. Mesmo assim, falou-se, até no exterior, em uma raça arcaica com morfologia diferente daquela “dita “de Lagoa Santa”, que o pesquisador canadense A. L. Bryan, especializado na busca dos primeiros americanos, tentou desesperadamente localizar em 1978 na coleção de ossos que tínhamos herdado. O primeiro acervo do Setor foi completado com algumas doações, entre as quais uma pequena coleção de peças marajoara Sr. Petrônio Bax, uma coleção de peças líticas o material que tinha escavado num dos sambaquis de Casqueirinho (litoral de Cubatão); um conjunto de peças cerâmicas e líticas Konduri recebido do engenheiro Aricy Curvelo pelo intermédio de Carlos Guimarães. Eu mesmo tinha trazido de São Paulo uma, com a autorização do Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN), para servir de material

didático, pequena coleção. Dela constavam peças que eu tinha escavado pouco antes num dos sambaquis da Ilha do Casqueirinho (litoral de Cubatão); vestígios cerâmicos e líticos tupiguarani de sítios que eu tinha prospectados na fronteira meridional entre os estados do Paraná e de São Paulo, assim como algumas peças Itararé associadas às casas subterrâneas que eu tinha localizado na mesma região de Itararé. A este material proveniente das minhas pesquisas se somavam algumas peças líticas sem proveniência que eu tinha recebido da Professora Lux Vidal. Após a morte de Harold Walter, seu filho Derek ofereceu algumas peças da coleção do seu pai, assim como cadernos onde anotava o preço pago pelas peças arqueológicas que comprava das pessoas que trabalhavam para ele na região de Confins. Foi possível identificar a proveniência de várias peças, que estavam documentadas fotograficamente nos livros publicados pelo Consul honorário. Outra parte da coleção foi, provavelmente, cedida ao seu conhecido Tonyan Khallyhabby, curiosa figura que instalaria pouco depois um Museu na Academia de Polícia de São Paulo, expondo peças arqueológicas proveniente da região da Serra da Canastra de onde é originário.

Em 1976 tivemos notícia de um amador, Hélio Diniz, que tinha escavado no abrigo VI de Cerca Grande nos anos de 1960, abaixo do nível estalagmítico sobre o qual W. Hurt tinha abandonado sua escavação. A idade dos esqueletos e dos vestígios com eles encontrados deveria, portanto, ser anterior há 10.000 anos BP (não calibrados). Embora não tivesse relações com os membros da antiga Academia de Ciências, era bastante arredo ao contato com os “profissionais”. Mesmo assim, conseguimos visita-lo em sua casa e “amansá-lo” ao ponto que ele propôs doar sua coleção

ao Setor de Arqueologia. Infelizmente, um jornalista escreveu um artigo sobre a criação do Setor, no qual achou por bem salientar o papel negativo de alguns amadores em suas escavações - apesar do meu cuidado em não mencionar este tema. Atribuindo a mim as palavras do jornalista, H. Diniz voltou atrás e as relações se tronaram tensas, ao ponto de ser difícil, um ano depois, conseguir que ele autorizasse M. Alvim do Museu Nacional a examinar os esqueletos; eu tinha que levar a pesquisadora até a casa dela e pegá-la de volta no final do dia, sem ser admitido a passar a soleira da porta. Anos depois, quando o Hélio morreu, a família quis se desfazer do material e doa-lo ao Museu de História Natural da UFMG; as exigências burocráticas e técnicas feitas para receber esta coleção foram tantas que os proponentes desistiram e entregaram este material ao fotógrafo M. Banyai, para ser integrado ao acervo do Museu da Lapinha, perto de Lagoa Santa. Através da FUNDEP, tentei ainda trazer para a UFMG a bela biblioteca do engenheiro José Anthero Pereira Junior, erudito paulistano que tinha escrito um livro pioneiro sobre arqueologia brasileira em 1967 e acabara de falecer. Infelizmente, a comissão universitária encarregada de analisar a proposta de compra emitiu um parecer desfavorável e perdemos a oportunidade de dispor de um fundo bibliográfico com muitas obras clássicas europeias e norte-americanas.

Primeiras pesquisas

No final do ano de 1975 foram realizados os primeiros testes de campo para os voluntários interessados a participar do setor de arqueologia em implantação. Uma prospeção nos Poções (perto da Lapa do Ballet) já eliminou candidatas que ficaram infestadas de

carrapatos. Logo depois, foi realizado um treino em escavação no abrigo de Eucalipto, nas imediações da cidade de Pedro Leopoldo. Participaram dele Paulo Junqueira, José Eustáquio Teixeira de Abreu, Ione M. Malta. A dureza do sedimento - um verdadeiro concreto - tornou muito difícil o trabalho (naquela época não tínhamos ainda pensado em molhar os sedimentos deste tipo antes de escavá-los).

Abandonamos a escavação após ter descido poucos milímetros; a experiência valeu, no entanto, para treinar a descrição de sítio, a topografia a manipulação dos instrumentos de trabalho -enfim, a rotina do campo. Assim sendo, procuramos um abrigo que oferecesse melhores condições para escavação. Nos dias 14 a 18 de dezembro de 1976 abrimos escavações (uma trincheira e uma área quadrada) no abrigo do Carroção, situado entre Pedro Leopoldo e Confins. Escavamos um sedimento cinzento rico em vestígios líticos, com alguma cerâmica não decorada nos níveis superiores; a poucos decímetros de profundidade, nossa progressão para o fundo foi impedida por uma enorme laje abatida do teto. O proprietário do sítio (um parente de José Eustáquio Teixeira) era acostumado a explorar calcário para fazer cal artesanalmente e se dispôs a nos ajudar. Assim fabricamos pólvora negra, com a qual trincamos o bloco; terminamos a escavação ao chegar numa espessa capa estalagmítica semelhante àquela sobre a qual tinha desistido W. Hurt em Cerca Grande. Foi a única vez que escavei com um leque instrumental que ia do pincel, do tubo soprador, do prego martelado e do raspador de dentista aos explosivos!

O treino da equipe em campo continuou de maio a agosto de 1976: Paulo Junqueira e Pascale Prous participaram das escavações

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 205

na Lapa Vermelha IV com A. Laming Emperaire, enquanto eu dirigia uma sondagem nos poucos sedimentos ainda intactos na Lapa Vermelha I. Após um treino sob a batuta de Pierre Colombel, Gisele Rocha Silva era encarregada de dirigir os levantamentos de arte rupestre na dolina de Lapa Vermelha.

Neste mesmo período, Antônio Montalvão - então Prefeito da cidade que tinha fundado com seu nome no extremo norte do estado, veio a Belo Horizonte apresentar ao Dr. Amédée Péret informações sobre os abrigos pintados e gravados. Este me chamou imediatamente, assim como A. Emperaire e a mim; de noite, depois da jornada de trabalho, fomos ao IEPHA onde o Montalvão nos mostrou suas fotografias até altas horas da madrugada. Ficou combinado que uma equipe iria visitar os sítios de Montalvânia em julho, a convite da Prefeitura. De fato, o Prefeito colocou a nossa disposição um avião pequeno que levou, além de mim, Pierre Colombel, Sydney Anthonioz, Nadine Orloff, José Eustáquio Teixeira e Carlos Mills (este, de Brasília). Durante uma semana, exprimidos em uma rural, visitamos duas dezenas de sítios nos municípios de Montalvânia (MG) e Carinhanhá (BA), acompanhado pelo Prefeito e seu capanga (João "geólogo") que tinha descoberto os abrigos decorados. Esta expedição ficou registrada no meu relatório publicado nos *Arquivos do Museu de História Natural* (vol. 2). A riqueza dos sítios visitados - não somente em registros rupestres, mas em vestígios de superfície, inclusive artefatos vegetais obviamente indígenas - me levou a propor a A. Emperaire um campo conjunto (Mission /UFMG) de escavação de prospecção, para o ano seguinte. Ainda no mês de julho, levei minha equipe do Museu de História Natural para realizar sondagens no grande

abrigo de Santana do Riacho, que eu tinha apenas reconhecido dois anos antes. A presença de abundantes vestígios e de estruturas funerárias fez com que eu decidisse fazer deste sítio um polo de pesquisa durante vários anos.

Outros pesquisadores estrangeiros estavam interessados na arqueologia de Minas Gerais. O norte-americano Alan Bryan e sua esposa Ruth Gruhn (ambos da Universidade de Alberta, no Canadá) e conhecidos pelas suas pesquisas sobre os mais antigos americanos, estavam procurando uma parceria com uma universidade brasileira. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) solicitou que a UFMG apoiasse estes pesquisadores. Acabávamos de receber no Museu o estudante Fabiano Lopes de Paula, nativo de Montes Claros, que havia trabalhado no norte de Minas Gerais com a equipe do IAB (Instituto de Arqueologia Brasileira dirigido por O. Dias) e trazia notícias de uma nova província cárstica e arqueológica na capital do norte mineiro, sugeri que A. Bryan e R. Gruhn, juntos com Paulo Junqueira e José Eustáquio Teixeira de Abreu, fosse reconhecer a região. Após prospectar os abrigos próximos da cidade, decidiram abrir uma trincheira no modesto abrigo da Lapa Pequena. Este abrigo estava situado a pouca distância da Lapa Pintada, uma bela cavidade a priori mais acolhedora e repleta de pinturas rupestres, mas que tinha sido em grande parte escavada, de forma anárquica, por amadores locais. Quando eu fui acompanhar as pesquisas, Fabiano Lopes de Paula chegou a me apresentar ao principal deles, Arthur Jardim, um simpático professor aposentado, que tinha reunido uma ampla coleção de peças líticas, cerâmicas, esqueléticas. Tinha até recuperado corpos naturalmente mumificados provenientes do

cemitério de uma igreja setecentista de Itacambira, cujos crânios tinham servido de brinquedo às crianças do local. Com Fabiano, tinha realizado um levantamento da coleção, receando que pudesse ser dispersa depois da morte do idoso colecionador. Infelizmente, Luciano Amédée Péret já não estava mais no IEPHA e não havia então ninguém na Superintendência do IPHAN-MG para cuidar da arqueologia. Minhas previsões se realizaram pouco depois, sem que as autoridades tivessem agido para garantir a preservação do material arqueológico.

A Lapa Pequena evidenciou uma espessa camada de ocupação acumulada em poucos séculos, por volta de 7.000 BP além de alguns vestígios de ocupação ceramistas. Como o casal estava interessado em procurar vestígios com antiguidade maior e a equipe não tinha encontrado sítio promissor durante as prospecções em Montes Claros, sugeri que fizessem uma prospecção no vale do rio Peruaçu. Antônio Montalvão tinha me falado da riqueza arqueológica desta região inexplorada, situada a meio caminho entre Montes Claros e Montalvânia. Montou-se uma equipe com a participação de Carlos Magno Guimarães, que acabava de se juntar à equipe inicial. A prospecção permitiu localizar vários sítios, três dos quais foram considerados particularmente promissores para futuras escavações: as Lapas do Boquete, do Malhador e dos Bichos. Desentendimentos decorrentes de uma conduta pouco ética em relação às coleções arqueológicas, no final de 1977 levaram ao abandono de projeto conjunto com os pesquisadores norte-americanos. Sugeri a eles trabalhar com Maria Beltrão, que estava preparando um projeto na região de central (BA) e precisava de pesquisadores para escavar. Após resolver o problema que tinham também com a arqueóloga do

Museu Nacional, foram encarregados de escavar vários abrigos, sem conseguir resultados muito espetaculares e acabaram abandonando as pesquisas no Brasil. Continuamos mantendo com eles relações distantes, embora profissionais e razoavelmente cordiais.

Preocupado em ampliar o conhecimento geral sobre as ocorrências arqueológicas em uma área grande de Minas Gerais, troquei correspondências com dezenas de Prefeituras de Minas Gerais e montei um acervo de informes sobre descobertas casuais. Realizamos numerosas prospecções, por vezes com o apoio financeiro das Prefeituras (como ocorreu no município de Arcos em 1978); após 3 anos de atividade, tínhamos prospectados, em 26 municípios, 265 sítios em abrigo e a céu aberto e calcado de forma sistemática vários conjuntos rupestres. A pedido de José Silvio da Fonseca, paleontólogo do Museu de História Natural, retiramos a preguiça gigante hoje exposta no MHNJB de um pequeno abismo que denominamos então Abismo da Cauaia, situado perto de Mocambo. Quando W. Neves veio pesquisar em Lagoa Santa, repassamos a ele a informação desta jazida paleontológica que ele escavou e rebatizou de “Gruta Cuvieiri”.

Cadastramos estes sítios no IPHAN, que tinha então sua sede no Rio de Janeiro e dispunha de apenas uma pessoa - Alfredo Russins - para coordenar as atividades arqueológicas realizadas no Brasil. Poucas semanas depois, o IPHAN me informou que R. T. acabava de enviar o mesmíssimo material em nome do grupo de estudos do Meio Ambiente do Centro de Tecnologia (CETEC) do estado, onde trabalhavam duas artistas que tínhamos treinado o ano anterior na reprodução de registros rupestres. R. T., lotado no Museu de História Natural a UFMG e que, desde minha integração *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 209*

à Universidade, acompanhava nossas atividades, tinha pouco antes solicitado vistas ao pacote de fichas que tínhamos elaboradas. Nasceu assim um grande desconforto entre a equipe do CETEC (apadrinhada por uma pessoa do Museu Nacional) à qual colaborava R. T. e a nossa, que se somou outros casos parecidos que, naquela época, opuseram a UFMG ao CETEC. Este, recém-criado, tentava se firmar como centro de pesquisa frente à Instituição Federal.

Estudos de laboratório e documentação

Estes anos iniciais não foram dedicados apenas às pesquisas de campo e ao estudo dos materiais coletados. Pretendia criar um pequeno centro de documentação bibliográfica e comecei a montar uma biblioteca de arqueologia brasileira. Além das publicações que recebi em doação (por exemplo, as revistas do Museu Nacional e do Instituto de Anchieta de Pesquisas), montei um acervo de fotocópias e microfímes. Para tanto, contei com a ajuda de uma estagiária, Denise Campos, que pesquisou as bibliotecas mineiras e foi até o Museu Nacional levantar e copiar as publicações antigas; Carlos Magno Guimarães participou também desta empreitada, que está à origem da nossa biblioteca setorial atual. O investimento em levantamentos sistemáticos foi importante para suscitar a Bibliografia da Arqueologia Brasileira, cuja primeira versão seria publicada no volume IV dos Arquivos do MHN-UFMG. Paralelamente e com a ajuda de Fabiano Lopes de Paula, tentava levantar as coleções de posse de amadores em Minas Gerais. Infelizmente, este material desapareceu (com exceção de alguns slides esmaecidos) anos depois, em uma das muitas mudanças que perturbaram a história do Setor de Arqueologia.

Iniciamos a análise das coleções arqueológicas recebidas em doação ou obtidas a partir de pesquisas; para tanto, eu cuidei de despertar o gosto de todos pela experiência própria de trabalhar as matérias estudadas, fabricando e usando instrumentos de pedra lascada e polida, de concha ou de osso - mesmo que de forma não sistemática - como ficou registrado no filme *Arqueologia Brasileira* que foi realizado em 1976 e 1977. Carlos Magno Guimarães cuidou da indústria lítica lascada da Lapa do Carroção enquanto eu revisitava aquelas dos sítios de Cerca Grande (depositadas no Museu Nacional) e iniciava o estudo do material de Santana do Riacho - este abrigo, em fase de escavação. Paulo Junqueira e Ione Malta descreveram as cerâmicas que tinham coletado durante suas prospecções na região de Lagoa Santa, enquanto estudava as indústrias de concha da Missão franco-brasileira. O médico Joaquim Glanzmann Gomes, então jovem professor do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG, começou a preparar os restos esqueléticos provenientes das escavações de Santana do Riacho. Infelizmente, não pôde permanecer no Setor, deixando a nossa equipe dependente - até hoje - de bioantropólogos de outros estados. Naquela época, o paleontólogo Castor Cartelle, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG) me deu acesso ao osso de *Eremotherium* trabalhado pelo Homem que tinha encontrado na gruta em Brejões (BA); descrevi e publiquei então este primeiro (e talvez único ainda hoje) vestígio inquestionável de descarnamento de osso de megafauna por parte dos antigos brasileiros. Os registros rupestres não eram ainda uma prioridade para mim, na medida em que se previa que membros do seminário de A. Emperaire na EPHE iriam se encarregar do estudo deste registro. Assim até

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 211

1977 apenas me preocupei em garantir o treino (sob orientação de Pierre Colombel) em calque e molde, e de reprodução para fins de exposição de sítios de Lagoa Santa e da região de Montalvânia. A equipe de rupestre era formada essencialmente por Gisele Rocha Silva, Denise Paixão, embora todos participassem dos levantamentos em caso de necessidade.

Como o Setor tinha sido criado na perspectiva de integrar uma estrutura de pesquisa mais ampla e não de praticar apenas uma arqueologia “restrita”, incentivei os membros da equipe a desenvolver pesquisas complementares nas áreas das ciências da terra, da vida, e na área de humanas. José Eustáquio de Abreu se preparou a fazer um Mestrado sobre a cultura dos índios Xakriabá (o maior grupo indígena do estado, naquele período muito marginalizado, residente entre o vale do rio Peruaçu e a região de Montalvânia). Participando de rituais que envolviam consumo de alcaloides em grutas com pinturas nas terras que, anos depois, formariam a reserva indígena; nesta oportunidade, pude registrar canções cujos textos são os únicos testemunhos da língua Xakriabá, hoje desaparecida (pode-se ver a análise destas músicas, realizada a pedido meu por Desidério Aytai, no volume III dos *Arquivos do Museu*). Junto com o linguista George Snow - um pesquisador norte-americano visitante na UFMG - o mesmo José Eustáquio realizou, um trabalho sobre ceramistas caboclas da Serra do Cipó e da região de Santa Luzia, que foram publicados no segundo volume dos *Arquivos*. Paralelamente, Pascale Prous montava um herbário da vegetação que se encontrava no entorno dos sítios pesquisados (Lapa Vermelha, Santana do Riacho, Dragão de Montalvânia, etc.) e instalava o laboratório de palinologia do Museu, com o

auxílio do estagiário Tales Heliodoro Viana (que hoje trabalha como pesquisador na Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA). No início dos anos de 1980, iniciaram-se uma osteoteca (sob a responsabilidade de Tania Velloso) e uma carpoteca (com Eunice Rezende, que também continuou o levantamento do herbário). Maria Elisa Castellanos Solá (Sandy), graduada em bioquímica e formanda em farmácia, foi encarregada de estudar os caramujos da família dos *Strophocheilidae*. Vimos que, desde as escavações na Lapa Vermelha IV me interessava pelas suas conchas perfuradas; por outro lado, influenciado pelos meus recentes trabalhos sobre sambaquis, interpretava então como vestígios alimentares todos os grandes acúmulos de conchas presentes nos sítios arqueológicos de Montalvânia. Visitamos, na Universidade Federal de Juiz de Fora o Dr. Maury Pinto de Oliveira, que criava estes animais e pretendia demonstrar seu interesse como fonte de alimento para os humanos. Tivemos a surpresa de ver que, apesar do seu propósito e dos meios colocados pela Universidade Federal de Juiz de Fora a sua disposição, ele não tinha realizado nenhuma análise de valor nutritivo. Fomos então repetidas vezes na Lapinha perto de Lagoa Santa, onde tinha notado, durante minhas prospecções, um pasto natural rico em caramujos; coletamos um bom número, que completamos ao comprar vários exemplares a um camponês da região, acostumado a coletá-los (nos informou que os vendia para um médico). Criamos os bichos soltos no banheiro da casa - da qual já tínhamos tomado posse por completo depois de C. Alvim perceber que não tinha preparação nem vocação para montar um centro de estudos de arte popular. Ficou rapidamente difícil utilizar o banheiro, cheio de ovos, filhotes e adultos que se precisava afastar

para desfrutar das instalações higiênicas. Felizmente, já estávamos com uma população suficiente e os simpáticos gastrópodes puderam ser sacrificados em prol do conhecimento científico. Fizemos uma fogueira na entrada da casa e testamos as diversas formas de matar as centenas de lesmas e tirá-las da sua concha. Sua carne foi transformada em farinha e as conchas que tínhamos conservado intactas transformadas em plainas (cuja utilização pode ser vista no filme já mencionado); *sic transit...* Ratos do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG foram alimentados com rações compostas por 100% da farinha, 50%, ou apenas de uma farinha padrão; a pesquisa, cuja parte laboratorial foi orientada por Lieselotte Jokl, foi publicada também em “nossos” *Arquivos*. Resolvemos assim a questão proposta havia decênios pelo Dr. Maury.

Formação de uma equipe e colaborações

Preocupado em formar os quadros do Setor, trouxe colegas de outras universidades para oferecer, no Museu, cursos intensivos de extensão com algumas semanas de duração, e encorajei os jovens formados ganhar experiência em outros estados. Foi assim que, em 1976, chamei Osvaldo Heredia - arqueólogo argentino exilado que trabalhava com M. Beltrão Museu Nacional e tinha participado das escavações na Lapa Vermelha - para dar uma matéria de arqueologia sul-americana. Carlos Magno Guimarães participou a seguir das escavações do pesquisador argentino no sambaqui dos Amorins (RJ). Em troca, recebemos em nossas escavações em Santana do Riacho Alciri e Marcelo Gatti, dois estudantes de O. Heredia no curso de Arqueologia e Museologia das Faculdades Unidas Estácio de Sá, do qual o nosso colega acabava de tomar a direção.

Esta empresa tinha comprado o famigerado curso da Faculdade Marechal Rondon, sob a condição - imposta pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) - de ter um arqueólogo de verdade, e L. de Castro Faria indicou O. Heredia para o cargo. Alciri iria mais tarde trabalhar em Santa Catarina, enquanto Marcelo tornava-se professor do curso da Estácio; depois do fechamento do mesmo, se tornaria arqueólogo de FURNAS (Centrais Hidrelétricas). Nasceu também o projeto de montar um curso de especialização para sistematizar e aprofundar a formação dos componentes do Setor.

Em nossas pesquisas, desenvolvemos uma colaboração preferencial com vários colegas da UFMG e de outras instituições, como a NUCLEBRAS: o gemorfólogo Heinz (Charles) Kohler (ICB-UFMG), que estava montando um laboratório no Museu de História Natural e ia acompanhar nossas pesquisas de campo e laboratório até o início dos anos de 1990; foi orientador de Luis Betoven Piló e outros pesquisadores que se destacariam mais tarde no campo da carstologia. Por seu intermédio, passamos a colaborar com José Luis de Queiroz e Selma Simões de Castro, pedólogos da USP, que nos visitavam em campo e orientaram nossos colaboradores na área de pedologia. Trabalhamos também com os geólogos Joël Quemeneur, Joachim Karfunkel (ICB-UFMG); a Física Jane Magalhães (ICEX-UFMG) que instalou um laboratório de termoluminescência no campus - infelizmente, este projeto destinado a garantir datação de material cerâmico arqueológico não teve continuidade; José Tavares de Barros e José Américo Ribeiro (Departamento de Cinema da Escola de Belas Artes). Yvon Chausson (NUCLEBRAS), a quem proporcionamos um estágio no Laboratoire des Faibles Radiocactivités de Gif

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 215

sur Yvette na França e que, durante mais de 15 anos realizou as datações radiocarbônicas para o Setor de Arqueologia, além de ser o primeiro a demonstrar a grande antiguidade dos sambaquis fluviais do Vale do rio Ribeira de Iguape em São Paulo, datando as amostras provenientes das escavações e Guy Collet (volume II dos Arquivos do Museu de História Natural). Desenvolvemos também uma frutuosa colaboração com os pesquisadores em parasitologia de Manguinhos (Rio de Janeiro) Aduino Araujo, Ulisse Confalonieiri e Luis Fernando Ferreira. Após uma palestra de Cockburn realizada no ICB-UFMG foi decidida a criação de uma associação internacional de paleoparasitologia, especialidade na qual estes brasileiros se destacaram de forma pioneira. Para os estudos de bioantropologia (morfologia e patologia) das nossas coleções, contamos com a colaboração de Marília Alvim, que veio repetidas vezes em Belo Horizonte – a última delas, com Sheila Ferraz (hoje: Mendonça de Souza) - na época em fase inicial da sua carreira, mas que ia mais tarde se tornar uma das principais formadoras de estudantes em paleopatologia na Fundação Oswaldo Cruz.

No final de 1975 e início de 1976, o regime militar começava a aceitar de volta os exilados políticos. Assim chegaram a Belo Horizonte vários universitários que tinham ficado anos fora do Brasil. Pude assim visitar Marcos Rubinger, que tinha escapado da prisão de Neves mercê em fuga cinematográfica organizada pela esposa. Nos anos de 1950, ainda acadêmico e encorajado pelo Professor Sigefredo Marques Soares (erudito membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e amador de arte rupestre) em suas visitas a sítios arqueológicos de Lagoa Santa (Sumidouro),

do Espinhaço (Cocais) e do vale do rio Doce (sítio do Rio Piracicaba). Encheu cadernos com croquis de acesso e reprodução de figuras pintadas, acompanhadas por judiciosas reflexões sobre arte rupestre que mostravam aguçado e precoce intelecto. Mais tarde, tornou-se discípulo de Darcy Ribeiro; planejava estudar os índios Maxakali e foi Professor na Faculdade de Economia da UFMG; ativista universitário quando foi implantado o regime militar, precisou partir para o exílio. Diferente de outros exilados que aproveitaram este infortúnio para desenvolver suas capacidades, M. Rubinger não suportou ficar longe da sua pátria. Ficou doente e já estava muito mal quando o conheci; faleceu poucos meses depois da sua volta. Sua viúva, Conceição, me entregou os cadernos do marido, que fazem agora parte do acervo do Setor de Arqueologia e me pediu para fazer o prefácio de alguns textos de Marcos provavelmente escritos antes do exílio, que ela reuniu em forma de livro póstumo. Conceição Rubinger foi contratada pela FUNDEP, de onde acompanhou o projeto de criação de Museu do Homem na UFMG. Recentemente, Alenice Baeta recuperou, na casa de um morador da Serra do Cipó, outro caderno de anotações de Marcos Rubinger.

Moacyr Vasconcelos foi outra pessoa que chegou a Belo Horizonte neste período. Tinha frequentado o círculo dos jovens pré-historiadores que se tinha formado ao redor de A. Leroi-Gourhan em Paris, tendo até participado alguns dias das escavações em Pincevent. Me foi apresentado pelo Reitor que era amigo da sua família; senti, no entanto, que Eduardo Cisalpino tinha alguma reticência em reação a esta pessoa; prudente, peguei informações junto a A. Emperaire e outros colegas na França sobre o Moacyr, *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014.* 217

que esperava poder ser contratado pela UFMG. O resultado das minhas indagações me convenceu a tomar distância desta personalidade bastante desequilibrada e que sofria do mesmo mal que M. Rubinger - embora em estado menos avançado. Mesmo assim, juntamente com o paleontólogo Castor Cartelle, apoiei a iniciativa de M. Vasconcelos de criar uma Sociedade de Pré-História e Paleontologia (SPP) de Minas Gerais, cujo Presidente foi o já mencionado Josaphat Penna (pioneiro na divulgação da arte rupestre de Lagoa Santa e da Serra do Cabral), enquanto o cargo de Secretário era assumido por M. Vasconcelos. As primeiras sessões da sociedade tiveram muito sucesso; montamos até um curso de extensão no qual apresentei o estado da arqueologia brasileira no momento. Depois de alguns meses, o nosso Secretário solicitou cópia de slides, pois estava indo a França, onde pretendia divulgar a arqueologia mineira. De posse desta documentação, viajou para Paris, de onde vieram informações de que ele estava falando muito mal de Cartelle e de mim mesmo. Vasconcelos enviou, desde a Europa, uma carta aberta que foi lida por J. Penna na última sessão da SPP diante dos membros atônitos, onde se queixava de ter sido boicotado por nos dois e mais algumas outras pessoas. J. Penna se demitiu imediatamente; nestas condições, sem ninguém querendo dar continuidade a uma empreitada tão estranhamente encaminhada, a Sociedade desapareceu imediatamente. Dois ou três anos depois, recebi em casa um jovem francês, modesto funcionário do Museu Cernuschi em Paris; tinha sido convidado por Vasconcelos no fim de alguma palestra a vir participar das escavações que ele, Moacyr, estaria realizando em Lagoa Santa como responsável por uma (inexistente) Missão Francesa. Sem

dispor de um endereço preciso para ir, o rapaz tinha se apresentado na UFMG onde o tinham dirigido para mim. Sequer sabendo se Vasconcelos estava no Brasil, procurei amigos da sua família e fui informado que ele morava em Sabará. Como era tarde, hospedei o viajante em minha casa; o dia seguinte, o levei de carro até a porta da residência do nosso ex-Secretário. Voltou algumas horas depois à minha residência; tinha encontrado o suposto chefe da propalada Missão, rodeado por uma corte de jovens na frente de quem estava contando vantagens; Vasconcelos até apresentou o visitante como sendo um famoso arqueólogo francês. Não tive mais informações sobre M. Vasconcelos até receber a notícia da sua morte vários anos depois, na cidade de Sabará.

Ações de divulgação e publicações

Desde o início, nos preocupamos com a divulgação o nosso trabalho, pois precisava mostrar que tínhamos vindo para produzir mesmo, e divulgar o projeto de implantação de algum centro museológico e de pesquisa (um “Museu do Homem” - denominação que não me agradava, por refletir um pensamento *démodé*, mas que era unanimidade na equipe da Reitoria). Apesar de me sentir pouco à vontade com os jornalistas, tive que dar várias entrevistas para jornais de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Sobretudo, realizamos várias exposições; destacarei aqui as duas que tiveram mais visibilidade. A primeira foi no segundo semestre de 1977, quando ocupamos quase todo o saguão da Reitoria da UFMG para mostrar a arte rupestre das regiões de Lagoa Santa e de Montalvânia. Utilizamos fotografias, reproduções em papel Canson e com esponjas de painéis inteiros em tamanho natural segundo a

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 219

técnica que nos tinha sido ensinada por Pierre Colombel, assim como um molde que reproduzia 20 m² do relevo e das gravuras da Lapa de Posseidon (Montalvânia). Também mostrávamos as técnicas de levantamento e estudo, assim como nossas abordagens para interpretar as informações.

Outra exposição, realizada em 1978, foi numa grande feira organizada no Campo do Atlético (então no centro da capital mineira), onde apresentamos a arqueologia de Lagoa Santa. Para sensibilizar a população à proteção dos sítios e convidar os turistas a não pichar os sítios, colocamos uma grande fotografia de uma pintura rupestre (machado semilunar do abrigo de Caetano) sobre a qual se destacava o nome de uma moça, com a data. O então Prefeito de Belo Horizonte veio visitar nosso stand, acompanhado por alguns dos seus principais assessores - um dos quais era o pai da pichadora. O constrangimento foi grande, mas resolvemos manter a ilustração. Pierre Colombel organizou outra exposição em Paris, no mesmo espírito, na Embaixada do Brasil então dirigida pelo economista Delfim Netto.

Comecei a manter contatos com professores da Escola de Belas Artes, particularmente Francesco Cerri, pintor e professor de cerâmica e de serigrafia que realizou um magnífico cartaz para uma de nossas exposições e me apresentou aos seus colegas do Departamento de Cinema. Foi assim que nasceu a ideia de fazer um filme didático profissional em 35 mm sobre a arqueologia brasileira - dando ênfase nas atividades realizadas em Minas Gerais e nos sítios do estado. Para tanto, José Tavares de Barros conseguiu um financiamento da hoje extinta Empresa Brasileira de Filmes (EMBRASILME). Realizamos as filmagens com participação de

toda nossa equipe prospectando em Lagoa Santa e escavando no abrigo de Santana do Riacho; Paulo Junqueira acompanhou os cineastas para Santa Catarina para filmar as escavações de A. Eble em concheiro próximo à cidade de Florianópolis, e os sambaquis de Jaguaruna; documentaram também uma das galerias (possivelmente toca de megafauna) aparentemente associadas às casas subterrâneas do planalto de Laje. Finalmente, mostramos algo da exposição do Museu Nacional e da montagem da nossa primeira sala de mostra no prédio principal do MHN-UFMG.

A Missão de Lagoa Santa tinha contado inicialmente com a colaboração do conceituado geomorfólogo Aziz Ab'Saber, que A. Emperaire conhecia desde os tempos em que esteve em São Paulo com o marido, nos anos de 1950. Com minha vinda a Belo Horizonte, se iniciou uma colaboração com o pedólogo J. P. de Queiroz, ex-orientador de Heinz Kohler na USP; ao mesmo tempo, a pesquisadora francesa associava a Missão o Laboratoire de Géomorphologie de l'Université de Caen; seu Diretor, André Journaux, assim como seus colaboradores Bruno Turq e Joël Pellerin (não confundir com o tecnólogo Joël Pelegrin!), vieram visitar o sítio e o primeiro indicou um doutorando para estudar a formação da dolina de Lapa Vermelha. Pesquisadores brasileiros e franceses lançaram um projeto de Colóquio Franco-Brasileiro “Estudo e Cartografia de Formações Superficiais nas regiões tropicais”; este ia desenvolver 5 temas, sendo o quinto deles dedicados as aplicações à arqueologia. O falecimento trágico e inesperado da coordenadora francesa no final do ano de 1976 levou à minha designação para coordenar este tema. As sessões foram realizadas em setembro de 1978, em Belo Horizonte, para facilitar as visitas aos sítios de Cerca

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 221

Grande e da Lapa Vermelha.

O Museu de História Natural tinha lançado em 1974 o primeiro número da revista *Arquivos do Museu de História Natural*, com artigos dedicados a ictiologia, a entomologia, a entomologia e a paleontologia. Quando cheguei ao Museu, não havia corpo editorial e parecia não haver ninguém para dar continuidade à revista. Decidi retomar a publicação, como se eu fosse seu editor - mesmo sem ter nenhum mandato oficial, e continuei mantendo-a deste modo informal durante mais de três decênios. Consegui apoio da Reitoria para publicar o volume II (ano de 1977), no qual divulgamos uma importante pesquisa realizada por A. Bryan em sambaqui de Catarina, a pesquisa pioneira realizada por G. Collet em sambaqui fluvial do estado de São Paulo e para a qual “nosso” laboratório da NUCLEBRAS tinha proporcionado uma datação de antiguidade inesperada (mais tarde confirmada por outros laboratórios), assim como as prospecções rupestres realizadas pela Missão Franco Brasileira em Lagoa Santa e Montalvânia; M. Alvim apresentava uma revisão do conjunto de coleções esqueléticas de população dita “de Lagoa Santa” existentes. Ainda havia um artigo sobre as cerâmicas tradicionais da região de Belo Horizonte e outro, sobre as possibilidades e os limites da glotocronologia. Desta forma, pretendia mostrar o propósito que era o nosso na equipe de arqueologia: trabalhar no espírito de colaboração entre várias disciplinas, publicar as pesquisas do nosso grupo no estado de Minas Gerais, mas ficar também abertos para outras pessoas e outros horizontes geográficos e culturais. Em 1978, decidimos dar continuidade à revista, reunindo no volume III parte das contribuições ao tema V do Simpósio Franco Brasileiro de

Estudo e Cartografia de Formações Superficiais. Entre elas estava o mapa geomorfológico da região cárstica de Lagoa Santa, com a inserção dos sítios arqueológicos registrados. Este, decênios mais tarde, serviria de base para o mapa publicado por L. B. Piló. No mesmo volume estavam comunicações apresentadas num encontro de arqueologia, que tínhamos realizado paralelamente ao simpósio. Assim divulgamos, além de pesquisas realizadas em outros estados, trabalhos realizados por nossa equipe no centro de Minas Gerais, e na região e Montes Claros com Bryan e R. Gruhn. Uma apresentação da aplicação da palinologia à arqueologia e um artigo sobre os remanescentes Xakriabá. O novo Diretor do Museu não achou interessante manter a revista e negou qualquer verba para a publicação, de forma que Paulo Junqueira, Carlos Magno Guimarães, José Eustáquio de Abreu e eu mesmo montássemos um curso noturno de extensão de iniciação à arqueologia, cujas matrículas pagaram o papel; o Diretor do ICEX - cuja filha estagiava conosco - facilitou a impressão por um processo (o “xerox queimado”) não permitia imprimir mais do que poucas centenas de exemplares e conseguimos a capa com a companhia que produzia a lista telefônica de Minas Gerais. Uma vez produzida a revista, o nosso eficiente Diretor, que era assessor da assembleia municipal para assuntos de ecologia, distribuiu um exemplar a todos os vereadores, que acreditamos tenham aproveitado intensamente o conteúdo. De qualquer forma, no panorama restrito dos meios de difusão da arqueologia brasileira no meio acadêmico, nossa revista despontava como um veículo significativo de comunicação e propunha exemplos de interação entre a arqueologia e as ciências da terra. Esta última prática, fundamental e tradicional desde

o século XIX nos estudos em pré-história realizados na velha Europa, é apresentada hoje em dia no Brasil como novidade, sob a denominação de “gearqueologia”.

A contratação da equipe

Vimos que o Reitor Eduardo Cesalpino me chamou para montar uma equipe de arqueologia na UFMG. Como a contratação precisava ser feita através de um Departamento, me perguntou qual me parecia preferível; sabendo que estaria trabalhando no Museu de História Natural, acostumado pela minha formação em arqueologia pré-histórica a trabalhar com geomorfólogos e já entrosado com colegas do ICB-UFMG, estava tentado a solicitar um lugar no IGC. Pelo seu grande prestígio na época, meu interesse na alimentação pré-histórica e a riqueza das coleções esqueléticas, o Instituto de Ciências Biológicas (ICB) me parecia também uma opção interessante, enquanto minha formação inicial de historiador apontava para uma inserção na FAFICH. Acabei, no entanto, escolhendo o Departamento de Ciência Social, pensando no modelo norte-americano que incluía a arqueologia na área da Antropologia. Gilka Wainstein aprovou minha escolha, pois, segundo ela, tratava-se de um Departamento no qual não haveria clãs ou rivalidades. Gilka Wainstein aprovou minha escolha, pois, segunda ela, tratava-se de um Departamento no qual não haveria clãs ou rivalidades. De qualquer forma, na época sequer cheguei a visitar este Departamento, localizado então na antiga FAFICH, no bairro Santo Antônio. Meu salário seria garantido pela FUNDEP enquanto o processo de contratação se arrastaria na administração. Assim trabalhei a tempo parcial no Museu a partir de setembro

de 1975 (ainda estava lecionando na USP), e integral no início de 1976. Dos participantes do curso de iniciação tinha distinguido três pessoas: Paulo Junqueira, professor de História num colégio e também fotógrafo, com experiência nos Estados Unidos; José Eustáquio Teixeira, altamente recomendado pelo linguista G. Snow, interessado em cultura material indígena e cabocla; enfim João Eduardo, um excelente desenhista que deveria ser contratado com técnico. Enquanto corriam os processos de contratação, os três frequentavam o nosso pequeno local no Museu, onde os treinava em estudos de materiais. Aproveitando uma parte da minha tese de doutorado, estava preparando um livro sobre a arqueologia do estado de Santa Catarina; ia ser publicado na França numa série dirigida por A. Laming-Empeaire. Como não ia comportar fotografias, propus a João Eduardo fazer desenhos de peças para ilustrar a obra, sendo que seu nome apareceria no livro como autor dos mesmos; era uma excelente oportunidade para treiná-lo em desenho técnico arqueológico e iniciar seu curriculum no campo arqueológico; ele aceitou a proposta com entusiasmo. Um ou dois meses depois, eu enviava os desenhos para França, onde iam ser anexados ao meu texto. A contratação pela UFMG, no entanto estava demorando a se concretizar, e o desenhista, que precisava definir sua situação, acabou assinando um contrato com uma empresa de engenharia. Propus paga-lo ele pelas pranchas; contudo, ele me pediu uma quantia absurda em relação aos preços de mercado, que eu não tinha condição de pagar de uma vez no momento. Como o trabalho já tinha sido feito, propus pagar o valor que pedia a prestações. Ele me respondeu que ia pensar e... me enviou uma advogada. Ironicamente, propus a moça ceder

os direitos autorais (inexistentes) para o desenhista; contudo a advogada não conseguiu acreditar que eu não fosse receber por eu trabalho. O processo era inevitável, pois eu não queria mais pagar um centavo para o desenhista. Desabafei com um colega que tinha contatos na Reitoria e poucas horas depois recebi a informação que a alta administração estava resolvendo o caso: a contratação do rapaz (e somente a dele) sairia nos próximos dias. Fiquei indignado e disse que não podia aceitar - nem que a administração resolvesse em horas o que não tinha feito durante meses apenas por causa de uma pressão externa, nem trabalhar daqui para frente com alguém capaz de agir desta forma. Além do que, qual seria minha reputação daqui para frente na UFMG se pensassem que eu tinha enganado alguém e não era capaz de arcar com as consequências? Enfrentei sozinho o processo; por sorte, o livro sobre Santa Catarina não tinha ainda sido entregue à gráfica na França; pedi um prazo e refiz todas as ilustrações (isto me serviu de treino para as pranchas que faria mais adiante para o livro *Arqueologia Brasileira*) e pedi um atestado que não receberia direitos autorais. No final do processo, felizmente instruído na justiça comum, o Juiz acabou arquivando o caso. Esta peripécia abria uma vaga para outra pessoa, que foi Carlos Magno, então professor num cursinho e não tinha sido cogitado antes, pois não tinha participado do curso de 1975. Final de 1977, portanto, a equipe de base estava pronta, com quatro professores contratados, e várias outras pessoas (particularmente, Ione Malta, Maria Elisa Solá, Gisele Rocha Silva e Ana Duarte Lanna) firmemente envolvidas nas atividades do Setor de Arqueologia.

A INSTALAÇÃO NO MUSEU, O PROJETO DE MUSEU DO HOMEM E A INSERÇÃO NO DEPARTAMENTO

Inspirada pelo prestígio que tinha naquela época o Musée de l'Homme de Paris, o Reitor Eduardo Osório Cesalpino e o Diretor do IEPHA tinham como um dos seus principais objetivos a criação de um Museu do Homem. Para isto eu tinha sido convidado para a UFMG e tinha enviado uma proposta que incluía um projeto de pesquisa e uma proposta para exposição centrada sobre a alimentação no mundo, mostrando como esta dependia do clima, dos solos, dos recursos naturais, e tinha influenciado o desenvolvimento de sociedades diferenciadas em regiões frias, temperadas e tropicais, úmidas ou secas. O Reitor tinha-me colocado no Museu de História Natural do qual o Diretor era seu compadre e colega de trabalho, o Dr. Wilson Mayrink, que tinha desenvolvido a primeira vacina contra Leishmaniose. Caso eu tivesse uma necessidade ou um problema para levar a frente os projetos do Setor de Arqueologia, bastava ligar para a casa ou o laboratório do Diretor (este não parava no Museu) para que fosse resolvido junto a Reitoria. Em troca, eu fornecia visibilidade para a proposta de Museu do Homem, e o Setor proporcionava algumas contribuições à Reitoria. Por exemplo, a filha do Vice-Reitor acabava de entrar na UFMG como estudante do Departamento de Ciências Sociais e o pai estava preocupado com o ambiente esquerdizante típico do entorno naquela época. Sugeriu que aceitasse a moça no Setor, supondo que ela ficaria mais bem cuidada no Museu de História Natural que na FAFICH. Propus uma entrevista no Museu; o dedicado pai esperou do lado

de fora enquanto eu interrogava a postulante. Concedi o estágio, e foi uma excelente aquisição: a moça, logo tutorada por Carlos Magno Guimarães era inteligente e trabalhadora; mais tarde teria uma brilhante carreira na USP. Obviamente, nossas relações com a Reitoria, já lubrificadas pela diplomacia de José Eustáquio de Abreu, ficaram ainda mais estreitas.

Mesmo assim, eu não tinha o prestígio necessário para que me chamassem a atuar de forma privilegiada no projeto de Museu do Homem, fora do campo estrito da arqueologia. De qualquer forma, a FUNDEP assinou um convênio com o IPHAN que concedia ao nosso Setor de Arqueologia (por ser o núcleo do Museu do Homem) licença plena para pesquisar no estado - sem indicar nenhum limite temporal ou geográfico. Assim sendo, passei a pesquisar com total independência e ingenuamente sem me preocupar com as autoridades administrativas até o final dos anos de 1980 ou início dos 90, quando uma funcionária do IPHAN chegada do Rio de Janeiro e provisoriamente destacada para Minas Gerais me visitou; inteirando-se da situação (mostrei o “diploma” concedido pelo IPHAN anos antes), me sugeriu gentilmente que os tempos e os procedimentos eram outros.

Para detalhar o projeto definitivo de Museu do Homem, a FUNDEP chamou inicialmente o conhecido Roberto da Mata; este passou a vir de vez em quando visitar a Secretária da FUNDEP, sem produzir nada concreto - embora não se esquecesse de cuidar dos próprios interesses. Era necessário achar outra pessoa para levar o projeto para frente. Naquele momento, Darcy Ribeiro voltava do exílio; embora autorizado a voltar ao país em razão da certeza que ele passava de uma morte próxima, estava em franca recuperação do

seu câncer. Encontrou-se com G. Wainstein que se encantou com ele. Era obviamente a pessoa mais capaz de idealizar e implantar uma instituição de prestígio. Eu pessoalmente não estava sempre de acordo com sua visão do mundo - ele era de outra geração e orientação ideológica - mas não me seria nada difícil trabalhar com ele, pois esbanjava entusiasmo e simpatia; sobretudo, era claro que dependíamos de alguém como sua envergadura para conseguir mobilizar as forças políticas necessárias e universitárias indispensáveis. O. Niemeyer riscou a planta do futuro museu, que ia formar um terceiro monumento anelar a proximidade do Mineirão e do projetado Mineirinho; vários pesquisadores brasileiros de renome se dispuseram a participar da futura estrutura. Naquela época, o dinheiro jorrava ainda bastante fácil no Brasil e o projeto faraônico, já completo, chegou a esperar a assinatura final na mesa do Ministro do Planejamento. Infelizmente, várias forças militaram no último momento contra nós; salientou-se, particularmente, que seria absurdo o estado de Minas Gerais conseguir um centro tão arrojado, enquanto as instituições existentes na cidade do Rio de Janeiro sofriam de penúria.

Enfim, perdeu-se a oportunidade e morreu o Museu do Homem; que visse o Setor de Arqueologia.

Mesmo assim, o Setor de Arqueologia continuou algum tempo a ser apresentado pela FUNDEP como pertencendo o “Museu do Homem em fase de implantação”. De qualquer forma, concebi o Setor como uma célula que pudesse manter acesa o desejo de uma relação estreita entre as ciências da terra, as ciências da vida e as assim chamadas ciências humanas - um embrião do projeto inicial. Em seus primeiros anos de existência, o Museu de História *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 229*

Natural tinha sido uma espécie de “Sibéria” da UFMG onde se exilavam os professores que não eram bem integrados nos seus respectivos Departamentos. A geração que entrou no final dos anos de 1970 ia começar a mudar este conceito: além do nosso grupo de arqueologia, entraram neste órgão H. Kohler (trabalhávamos articulados com seu laboratório de geomorfologia cárstica), José Sílvio da Fonseca para a paleontologia, Joaquim Karfunkel (que criava um centro de geomorfologia) e, mais tarde, George Washington Gomez de Moraes (controle biológico de pragas). Na área de biologia, o Museu contava com um botânico taxonomista (com o qual tentamos em vão colaborar) e um casal de ictiólogos.

Sob a gestão do Reitor Cesalpino e a proteção tanto do W. Mayrink no MNH e de G. Wainstein na FUNDEP, nossa equipe apenas tinha se preocupado de implantar o centro de pesquisa. O novo Reitor, arquiteto Celso Pinheiro, assumiu em fevereiro de 1978; um novo Diretor do Museu foi então indicado; no início de maio de 1979, foi a vez de G. Wainstein ser substituída, por Octávio Elísio Alves de Brito. Embora o projeto de Museu do Homem não fosse oficialmente abandonado, não era mais prioritário. Alguns anos mais tarde houve uma tentativa de retomá-los, mas a pessoa que se propôs a coordená-lo não tinha envergadura para tanto.

Por falta de experiência, até o início de 1978 eu sequer tinha ido conhecer o local (na antiga FAFICH, Rua Carangola) nem me apresentado à chefia do Departamento de Ciências Sociais. Alguém me lembrou de que tínhamos sido contratados por intermédio dele e que seria ajuizado propor nossos serviços. Fui recebido gentilmente por Paulo Roberto Saturnino Figueiredo e ficou combinado que ministrariamos algumas matérias. Carlos Magno se prontificou

a dar uma matéria de sociologia, José Eduardo, de antropologia, enquanto Paulo Junqueira e eu ministrariamos matérias optativas de arqueologia. Dei inicialmente uma palestra para explicar nosso trabalho, esperando assim interessar nossos colegas; houve uma boa assistência, porém exclusivamente de estudantes. Integramos de fato nosso Departamento, ao qual íamos apenas ao horário de aulas - que era noturno. Desta forma, ficamos totalmente marginais, não despertando nenhum interesse institucional na FAFICH, mas selecionando alunos interessados que iam trabalhar no Museu em meio horário. Para ajudar, dispunha das verbas anuais da Missão Francesa de Minas Gerais que tinha eu conseguido implantar a partir de 1982 e, mas tarde, das bolsas associadas a meus projetos de pesquisa, quando me tornei pesquisador do CNPq. Entre os primeiros bolsistas destaquei Magno Moraes Mello (hoje professor do Departamento de História da UFMG) e Marcio Alonso (que se tornaria o traceólogo da nossa equipe). Em 1982, Nivea Leite, uma professora de história de Três Pontas em gozo de licença, veio trabalhar vários anos conosco.

Em meados dos anos de 1980, depois de ter defendido seu Mestrado, Paulo Junqueira montou no Museu, com Ione Malta, um núcleo que praticava exclusivamente arqueologia de contrato. Após um trabalho de salvamento (pioneiro para o estado de Minas Gerais) em Nova Ponte, orientaram-se essencialmente para o período histórico. Após alguns anos, aposentou-se e continuou suas atividades na empresa *Arkaios*. Pouco depois, Carlos Magno Guimarães criava um Laboratório de Arqueologia, também orientado para a pesquisa contratada em arqueologia histórica, que se manteve dentro da UFMG e ganhou um local na FAFICH. José

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 231

Eustáquio Teixeira, afastado da arqueologia desde o final de 1982, também se aposentou. Um antropólogo da UFMG, de volta de um cargo em Brasília, Welber da Silva Braga, ficou exilado durante 2 ou 3 anos em nossa Sibéria; contudo não tinha interesse específico pela arqueologia. Voltou para a FAFICH logo que teve a oportunidade.

Desta forma, fiquei o único professor dedicado à arqueologia acadêmica - essencialmente, ao período pré-histórico. Só podia manter o Setor do Arqueologia (agora apenas “pré-histórica”) do Museu com o auxílio de colaboradores voluntários, de bolsistas e de funcionários técnicos: sucessivos secretário(a)s cedidos pelo Museu - que aceitavam desenvolver, com muita dedicação, tarefas que iam bem além da sua função); eram funcionárias públicas colocadas à disposição da UFMG quando o Correio foi privatizado. Também conseguimos desenhistas nos anos de 1980 e 90, e uma técnica oriunda da FUNDEP - Martha Castro e Silva (em 1989).

Em 1981, o Departamento me chamou para compor o corpo docente do Mestrado em Ciências Sociais, mas ficou rapidamente óbvio que era apenas para aproveitar meu *curriculum*: nunca meus colegas sociólogos ou antropólogos se interessaram pela minha proposta de dar matérias pelas quais pretendia me aproximar da sociologia (por exemplo, sobre as origens das sociedades urbanas). Mesmo a criação de uma pós-graduação em Antropologia, não melhorou muito a nossa situação marginal. Apenas com a preparação de uma graduação em Antropologia (para a qual o número de professores de antropologia era insuficiente e o curriculum dos docentes fraco), a arqueologia começou a ser considerada. Carlos Magno e eu conseguimos que um concurso fosse aberto em 2010 para reforçar nossa disciplina (sendo contratados Andrei Isnardis

Horta e Maria Jacqueline Rodet). Mesmo assim, ainda foi preciso vários anos para que o Departamento aceitasse inserir a palavra “Arqueologia” em sua denominação ao lado de “Antropologia”. Ainda não conseguimos emplacar esta palavra no curso de graduação, apesar dos constrangimentos pelos quais passam os formados que se especializaram em arqueologia no momento de prestar concursos.

INFRA-ESTRUTURA, FORMAÇÃO, COLABORAÇÕES E DIVULGAÇÃO A PARTIR DOS ANOS DE 1980

As instalações

Com o início das pesquisas sistemáticas e a instalação de uma equipe. Celma Alvim tinha abandonado a “casa do Índio” que colonizamos imediatamente; contudo, mesmo este espaço não bastava mais. Tivemos reservas provisórias numa casa próxima do local onde se encontra hoje a exposição de geologia; a maior parte do material proveniente das escavações de Ibiá foi depositado no campus num local que estava à disposição do IGC e onde está agora o prédio de Engenharia hidráulica. O “Palacinho” (hoje local do centro especializado de cartografia histórica) nos foi atribuído algum tempo, até ser reformado e tivemos que retirar dele as reservas, transportadas para a casa “do Zezinho”, finalmente desocupada pelo taxonomista (o Zezinho) que a ocupava desde os anos de 1960, mas em péssimo estado. Chovia por dentro, e na falta de depósito adequado para os vestígios materiais, tive que renunciar a escavar no Peruaçu entre 1982 e 1989. Isto foi até que fizessem uma reforma parcial que permitisse instalar os vestígios vegetais que

ocupavam os níveis superiores dos abrigos que estávamos escavando (no interim, nos dedicamos à prospecção e os levantamentos de registros rupestres). Tivemos ainda novos transtornos entre 2004 e 2006, quando a casa “o índio” teve abandonada para uma reforma total (com a qual se perdeu muitas das suas charmosas características de casa de interior, assim como um importante espaço de armazenamento no fundo da casa). Durante as obras, as reservas que estavam na “casa do Zezinho” foram levadas para o antigo biotério (hoje, local da exposição de arqueologia) para dar espaço aos pesquisadores. Uma das casas próximas à saída para o bairro Cidade Nova até os anos de 1980, como local de guarda de sementes e dispunha de uma estufa grande. Foi desativada no final dos anos de 1980 e a transformamos em local especializado para análise de indústrias líticas, sendo nela montado um laboratório de microtraceologia sob responsabilidade de Márcio Alonso. Pouco depois, a casa vizinha nos foi também atribuída para guardar as coleções de fauna, e peças de arqueologia histórica. Em 1995, Renato Kipnis conseguiu que fosse parcialmente reformada. Após sua saída de Belo Horizonte, esta casa foi transformada em laboratório de estudo de cerâmica.

Todas estas mudanças e reformas, que implicavam manipulação e transporte, acarretaram problemas graves para a nossa documentação e para o próprio acervo arqueológico.

A formação da equipe e de estudantes

Já que meus colaboradores tinham graduações muito diversas e nenhuma formação sistemática em arqueologia, me propus a dar um curso de especialização em arqueologia; teve duração de

dois anos plenos e foi promovido pelo Museu. Limitei as vagas a 12 (o mínimo exigido pela FUNDEP que administrava o curso), pois não via então mercado de trabalho para muita gente. Os professores foram O. Heredia (Museu Nacional - arqueologia americana), H. Kohler (geomorfologia aplicada à arqueologia), C. Cartelle (PUC/MG- zoologia), Roque Laraia (UnB - etnologia); para tentar melhorar as relações com o CETEC, convidei Roberto Messias a lecionar a matéria sobre ecologia; eu mesmo me encarreguei de apresentar a pré-história geral, e todas as matérias técnicas de arqueologia pré-histórica. A matéria (obrigatória) foi a primeira campanha no vale do Rio Peruaçu, em 1981. Os alunos que já participavam do grupo do Museu foram Ione Malta, Maria Elisa C. Solá, Rosângela Albano, Carlos Magno Guimarães, José Eustáquio Teixeira, Paulo Junqueira, assim como Fabiano Lopes de Paula que já tinha colaborado com a equipe do Instituto de Arqueologia Brasileira (RJ) antes de participar das nossas pesquisas a partir de 1977. O Diretor do Museu impôs a participação de Ronaldo Teixeira. De fora do nosso círculo inicial vieram Miriam Paiva Borges, Renato Assunção - um professor de História da FAFI-BH e Tania Velloso (que, mais tarde, teria um papel importante no Laboratório de Arqueologia da FAFICH).

A família de Mirian Borges possuía fazendas no município de Ibiá; numa delas, o arado expôs uma aldeia circular Sapucaí que nos propuseram escavar – o que foi feito com boa parte dos alunos do curso. A pouca distância se encontravam os vestígios ainda imponentes do famoso quilombo fortificado do Ambrósio. Apresentavam ainda fosso profundo e muro alto de terra, assim como numerosos indícios de habitações alinhadas. Achei muito excitante

estes vestígios de um tipo de ocupação permanente e agrícola, bem diferente distinta dos locais de ocupação quilombola rápida e rotativa em abrigos em zona de mineração que Carlos Magno Guimarães tinha registrado dois anos antes, perto de Diamantina. Quilombos nunca tinham sido estudados arqueologicamente, e encorajei Carlos Magno a estudar este tema.

O Pe. Afonso Bueno de Moraes Passos, Diretor do IPH da USP, tinha feito um acordo com o Laboratório de Arqueologia 28 do CNRS francês. Em 1984 ele trouxe Jacques Tixier (um dos pioneiros do lascamento experimental sistemático, junto com F. Bordes e D. Crabtree) para um simpósio em São Paulo. Aproveitamos para convidá-lo em Belo Horizonte, onde passou uma semana durante a qual ele fez demonstrações (filmadas em Super 8 por Walter Silva Braga) e pudemos treinar algumas técnicas. Até então, embora extremamente interessado em estudo de indústrias líticas, eu era autodidata na prática do lascamento. Apenas tinha passado algumas horas com François Bordes, que me tinha iniciado à técnica do retoque por pressão também tinha começado a lascar o quartzo por minha conta, para entender as indústrias de Santana do Riacho. Na mesma época, Tom O. Miller, que tinha sido contratado pela UFRN entrou em contato comigo; nossa amizade datava do início da minha estadia no Brasil. Em 1982 ou 1983 me tinha chamado, junto com o Pe P. I. Schmitz, para dar uma matéria no curso de especialização que organizava no Museu Câmara Cascudo. Tom Miller havia conseguido através da Fundação Ford que o experimentador Jeffrey Flenniken viesse durante alguns meses a Natal durante o ano de 1984. Infelizmente, problemas tinham ocorrido com a saída do coordenador da equipe potiguar, que não

podia mais receber o pesquisador norte-americano. Tom Miller queria saber se aceitaríamos acolhê-lo em Belo Horizonte. J. Tixier me tinha confirmado tratar-se de um excelente experimentador, de forma que era uma ótima oportunidade. Consegui um recurso na UFMG e foi decidido que Flenniken se dividiria entre Minas Gerais e o Rio Grande do Sul - onde seria recebido por P. I. Schmitz no Instituto Anchieta de Pesquisas. De fato, ele ficou mais dois meses em Belo Horizonte, onde veio acompanhado por Jeffrey Walker, que se tornaria um especialista em arqueologia jamaicana. Aproveitamos sua estadia para olhar a indústria lítica da Lapa dos Bichos que tínhamos coletado em 1982 e que estava sendo preparada por Márcio Alonso. Sobretudo, discutimos muito as indústrias de quartzo de Santana, comparando nossas experiências - já que ele tinha feito seu doutorado sobre um sítio cujos instrumentos líticos eram de quartzo de filão. Juntos, realizamos numerosas experimentações com quartzo; outras foram feitas de tratamento térmico em fossas abertas atrás da “casa do índio”. Ione Malta tinha conseguido uma boa quantidade de matérias-primas para todos podermos trabalhar. Flenniken deixou para nosso mostruário várias peças feitas com matérias exóticas (particularmente, com obsidiana do Oregon, da qual tinha trazido uma boa quantidade). Como a maioria dos experimentadores americanos, tinha as pontas bifaciais como peça favorita, e nunca parava de fabricar alguma (ao mesmo tempo em que mastigava um nervo de canguru para deixá-lo maleável na hora de usá-lo no encabamento), mesmo quando estava conversando sobre um assunto qualquer. Também nos mostrou como usar o propulsor de dardo; a primeira tentativa de lançamento, realizada em sua ausência, foi feita por Carlos

Magno Guimarães e quase acabou em tragédia: ele tinha disposto uma moça como alvo, imaginando que nunca a alcançaria; ela só teve tempo de se desviar e o dardo atravessou o vidro da janela que estava atrás dela, adentrando o prédio do Setor. O entusiasmo do pesquisador norte americano foi um importante incentivo para que aprofundasse meu interesse pela experimentação. Logo depois, em 1988, trouxemos a traceóloga argentina Maria Estela Mansur Franchomme, que acabava de defender seu doutorado com François Bordes. Ficou alguns meses conosco, e ministrou durante um mês um curso de iniciação à traceologia do qual participaram pessoas do Rio de Janeiro (entre as quais Maria Dulce Gaspar), Goiás, Sergipe e outros estados. Graças ao seu impulso montamos um laboratório de microtraceologia sob os cuidados de Márcio Alonso; este foi em 1990 a Ushuaia completar sua formação com Maria Estela Mansur no CADIC. Sentindo a necessidade de se formar pessoas para estudar as indústrias líticas no Brasil, abri um curso de algumas semanas em 1990 para treinar a observação de peças, interpretação de atributos e prática de lascamento a mão livre e sobre bigorna. Vieram pessoas de vários estados do Sudeste e do Nordeste. Montei dois cursos de fabricação de cerâmica nos anos de 1989 e 1993, que foi ministrado por Gianfranco Cerri, assistido por João Cristeli - ambos, professores na Escola de Belas Artes da UFMG. O uruguaio Mário Consens ministrou em 1985 um curso de fotografia dirigida ao estudo da arte rupestre.

Cada dois anos, eu voltava para a França e aproveitava para completar meus conhecimentos. Visitei em Bordeaux F. Bordes que me municiou em bibliografia e me mostrou como fazer o retoque por pressão. Sobre tudo, passei a apresentar nossas pesquisas

e trabalhar a bibliografia internacional sobre tecnologia lítica no Laboratoire do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) em Meudon (perto de Paris), então dirigido por Jacques Tixier - cujo aluno J. Pelegrin me iniciou, mais tarde, à debitação por pressão ventral. A troca de experiências com F. d'Errico, Sophie de Beaune (que quase trouxe para trabalhar em Belo Horizonte) e Sylvie Beyries foi importante para manter o setor atualizado. Assim, o setor de arqueologia da UFMG pôde se firmar como um lugar de referência no Brasil para o conhecimento dos instrumentos de pedra e internacionalmente, para procedimentos diferenciados na técnica do lascamento sobre bigorna. Meu interesse, no entanto, era que os integrantes do setor pudessem cobrir a maior diversidade possível de áreas. Assim, enviei nossos colaboradores para se aperfeiçoarem em outros lugares: Gisele Rocha Silva foi fazer um estágio na Serra da Capivara e, a seguir, um mestrado em arte rupestre com Niede Guidon; Pascale Prous fez um estágio no laboratório de van der Hammen na Holanda; infelizmente, o setor perdeu ambas. Gisele casou com um museólogo francês e Pascale, por razões familiares, acabou desistindo da palinologia, cujo laboratório tentamos reabrir com Giovanna Parisi, mas que foi definitivamente fechado quando esta pesquisadora entrou no departamento de Geologia do ICB-UFMG. Montamos no Museu um curso prático de cerâmica, ministrado por Gianfranco Cerri e João Cristeli.

Achava que seria importante o Setor de Arqueologia não ficar fechado sobre si e pudesse colaborar com outros centros de ensino e pesquisa - uma preocupação então incomum entre os arqueólogos brasileiros. Senti a necessidade de deixar isto bem claro e de propor um exemplo para os jovens arqueólogos em fase de formação.

Tinha ficado chocado em 1970 e 1971 ao experimentar o abismo voluntariamente mantido entre os participantes (ou imitadores) do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA) e os “afrancesados”. Por isto e apesar da minha falta de recursos, logo ao me instalar em São Paulo em 1971, fiz questão de visitar a quase totalidade dos arqueólogos em exercício:

Já em 1970, a primeira vez que vim ao Brasil, tinha conhecido os pesquisadores do IPH-USP (Dorath Uchoa, Caio del Rio Garcia, assim como T. Fossari então estagiária; tinha-me apresentado a Paulo Duarte) e do Museu Paulista (Sílvia Maranca e Agueda Vilhena de Moraes - hoje Vialou) ; em Rio Claro, tinha então visitado Altenfelder Silva e Tom O. Miller. Visitei M. Andreatta, M. J. Menezes em Curitiba. Já conhecia L. Pallestrini, F. Chiara, N. Guidon, M. Albuquerque e L. Kneip do seminário da EPHE em Paris. Em 1971, aproveitando meu giro no sul do País a fim de reunir documentação para minha tese, visitei o Pe. P. I. Schmitz, A. Kern, Frei G. Naue, J. Brochado, F. La Salvia e P. A. Mentz Ribeiro no Rio Grande do Sul. A. Beck, G. Duarte, W. Piazza, no estado de Santa Catarina. I. Chmyz e O. Blasi no Paraná, onde também visitei V. Kozak e G. Tiburtius. Obviamente, conheci M. Beltrão - coordenadora brasileira da Missão Arqueológica de Lagoa Santa - no Museu Nacional, assim como Marília Alvim que atuou um pouco como uma madrinha, me aconselhando nesta selva que era para mim o pequeno mundo da arqueologia brasileira. Somente em 1973 conheceria Celso Perota (que passou algum tempo em Lagoa Santa) e Nássaro Nasser, que visitei em Natal. Desta forma, pretendia mostrar que não pretendia me fechar em nenhum clã. Outra experiência das divisões entre pesquisadores

que me perturbou ocorreu em 1975, quando preparava minha ida a Belo Horizonte. Informei um colega que ia trabalhar na UFMG; após expressar sua satisfação protocolar, me disse “agora, V. tem que fazer uma cerca ao redor do estado; faça como eu em (no estado de) ***: ninguém mais entra lá”. A primeira coisa que fiz ao voltar a São Paulo foi escrever a O. Dias, informando da minha mudança e expressando minha esperança de que pudéssemos ter uma ótima colaboração em Minas Gerais. De fato, não chegamos a trabalhar juntos, mas houve sempre um respeito mútuo entre nossas duas equipes. No âmbito da Missão de Lagoa Santa eu tinha desenvolvido estima e amizade com vários membros do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) que participaram ativamente das escavações na Lapa Vermelha IV.

Assim sendo, tentei montar uma cooperação com o curso de Arqueologia e Museologia da Estácio de Sá, então dirigido por O. Heredia. Já mencionamos os estudantes que recebemos em Santana do Riacho. A seguir, Carlos Magno foi escavar com a equipe de Heredia no sambaqui dos Amourins, onde conheceu Tania Andrade Lima; esta veio participar em 1982 das nossas escavações na Lapa do Caboclo, no vale do rio Peruaçu. O próprio O. Heredia nos acompanhou no mesmo vale em 1986, onde foi encarregado do ateliê do Janelão, enquanto duas professoras (Iramar e Carla) do curso da Estácio eram treinadas em topografia de campo e levantamento rupestre no abrigo vizinho. Esta tentativa, no entanto, não teve continuidade, e o nosso colega argentino veio a falecer pouco tempo depois.

Apesar de frustrada esta tentativa, ganhamos a amizade e a confiança de Tania Andrade Lima, com a qual mantivemos uma

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 241

frequente troca de informações e apoio. Foi com ela que consegui realizar o meu sonho de reunir muitos colegas numa tarefa de interesse comum com o projeto de estabelecer um catálogo das pinturas em cerâmica tupiguarani.

Divulgação da pesquisa

Não era suficiente formar nossa equipe e nos abrir para outros grupos. Era necessário criar um público e mostrar - principalmente aos professores e alunos - que o Brasil não tinha começado com Pedro Álvares Cabral. Assim multiplicamos as exposições. A mais visitada foi provavelmente aquela que organizamos na Rodoviária central de Belo Horizonte em 1981 ou 1982. Ocupava todo o primeiro andar da estrutura e recebeu dezenas de milhares de visitantes. Durante os quatro meses do evento deixamos em rodízio, estagiários ou Eliana Diniz Ribeiro - nossa secretária da época - que chamavam com alto falante as pessoas esperando ônibus para que subissem ver a exposição. Aproveitamos para fazer uma pesquisa que permitiu avaliar os conhecimentos e as carências do público de cada faixa de idade e nível de formação. Realizamos, também em 1981, uma exposição na Pinacoteca de São Paulo, em articulação com Solange Caldarelli e Cristina Bruno (de quem foi provavelmente a primeira exposição). Apresentava a arte rupestre de sítios mineiros (Lagoa Santa e Montalvânia) e de São Paulo (abrigos da Serra Azul pesquisado no estado de São Paulo pelo IPH-USP sob a orientação de Pierre Colombel) e das abordagens técnicas feitas pelos arqueólogos. Para o catálogo, realizado na UFMG, tínhamos solicitado textos de pesquisadores de diversos estados (N. Guidon, P. I. Schmitz, S. Moehlecke Copé, além de pesquisadores da USP

e da UFMG). Nos anos seguintes realizamos exposições em várias cidades da região arqueológica de Lagoa Santa; em Belo Horizonte mesmo, pode-se destacar nossa participação em duas exposições no Palácio das Artes (com C. Cartelle e G. Mahecha); em São Paulo, a exposição “500+” no Parque Ibirapuera (organizamos duas exposições na Oca no ano 2.000, com W. Neves) e “Da Pedra da Terra daqui” (sob a coordenação de Aracy Amaral) no Museu de Arte Moderna (em 2015), embora ainda não houvésemos ainda conseguido apoio para montar uma exposição digna deste nome no MHN da UFMG.

Também colaboramos com revistas de divulgação científica: o primeiro artigo da revista *Ciência Hoje* sobre arqueologia (no fascículo 7) tratava da arte rupestre de Minas Gerais. Também contribuímos para esta publicação apresentando a traceologia, discutindo os achados da Pedra Furada ou as pinturas tupiguarani, além de participar de uma prospectiva sobre as perspectivas técnicas futuras em nossa disciplina. Livros de divulgação da arqueologia brasileira foram também um importante instrumento para criar um público; o primeiro deles foi o livro *Herança* patrocinado pela empresa *Dow do Brasil*. Embora o resultado final (devido ao jornalista Castelo Branco) fosse muito diferente da minha proposta inicial, foi este o primeiro livro que apresentou uma documentação visual de boa qualidade e representativa das várias artes pré-históricas brasileiras. Anos mais tarde, aproveitei a experiência angariada no Setor de Arqueologia da UFMG na elaboração de vários livros de divulgação da arqueologia para o público de nível superior (*Arqueologia Brasileira, O Brasil antes dos Brasileiros, Arte pré-histórica brasileira*); participei também do debate organizado em *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 243*

Niterói por Maria Cristina Tenório sobre o ensino da arqueologia nas escolas, e do livro organizado por esta pesquisadora (*Pré-História da Terra Brasilis*). Com Alenice Baeta e a colaboração de Ezio Rubbioli (responsável pelas ilustrações), escrevemos o livro “O Patrimônio arqueológico de Matozinhos – conhecer para proteger”, destinado preferencialmente aos professores de história, que explicava detalhadamente as pesquisas, a formação dos sítios, o instrumental e os grafismos das populações pré-históricas da região de Lagoa Santa. Este livro foi a primeira obra de arqueologia a ganhar o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Foi, no entanto, através de artigos publicados em revistas científicas que o Setor conseguiu seu maior reconhecimento na comunidade arqueológica brasileira. Em 1980 morria Alberto Russins, a única pessoa até então encarregada de cuidar dos assuntos de arqueologia no IPHAN (cuja sede continuava no Rio de Janeiro); tinha desempenhado com muito tato a difícil tarefa de gerenciar a pequena, porém dividida, comunidade de pesquisadores. O Pe P. I. Schmitz decidiu prestar-lhe uma homenagem em número especial da revista *Pesquisas* (série Antropologia). Quando pediu uma colaboração minha, não tinha nada em mente, porém achei a oportunidade boa para tentar organizar as informações que tínhamos reunidas sobre a arte rupestre de Minas Gerais; eu não tinha até então nenhum interesse especial neste ramo, embora Annette Emperaire me tivesse encarregado deste aspecto das pesquisas. Assim, eu contava com o seminário de Paris para explorar e interpretar os materiais coletados. Com o falecimento da pesquisadora, o seminário se dispersou e senti a necessidade de fazer um balanço, incluindo o resultado das prospecções realizadas pela

equipe da UFMG na Serra do Espinhaço e em Montalvânia. Foi assim que escrevi um texto propondo uma primeira classificação dos registros rupestres, em função das regiões e, dentro de cada uma delas, tentando separar os períodos. Para tanto, aproveitava as datações de figuras conseguidas nos abrigos de Lapa Vermelha e de Santana do Riacho, assim como as pinturas em descamações nas Lapas de Sucupira e Cerca Grande, assim como a os níveis de superposição de conjuntos estilística e tematicamente diferenciados. Para minha surpresa, esta apresentação colocou o Setor de Arqueologia da UFMG como um dos principais polos de pesquisa rupestre no Brasil. Eu tinha sugerido ao Pe. Schmitz que Carlos Magno Guimarães escrevesse, para o mesmo volume, um artigo sobre os Quilombos de Minas Gerais. Esta contribuição também teve muita repercussão. Naquela mesma época, os alunos de arqueologia da Faculdade Estácio de Sá, geralmente visto com desconfiança pelos arqueólogos da geração anterior que não dispunham de titulação específica, se articularam para montar uma sociedade profissional. Os arqueólogos até então dispersos ou reunidos em capelas fechadas se uniram então para tomar a dianteira e organizaram em Goiânia (na PUC-GO) uma reunião científica na qual, pela primeira vez, se encontraram a maioria dos profissionais rem exercício, além dos alunos da Estácio; criou-se então a SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira). O primeiro congresso (batizado “1ª reunião científica da SAB”) foi realizado dois anos depois no Rio de Janeiro, e a segunda, na UFMG. Nossa revista *Arquivos do Museu de História Natural* da UFMG publicou as Atas destas duas reuniões (vol. VI/VII e VIII/IX), o que lhe deu grande visibilidade. Um estudo de A. Mendonça de Souza (publicado nos *Arquivos X*) mostrou inclusive que se *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 245*

tinha tornado a revista mais citada pelos arqueólogos nos anos seguintes. O volume IV também tinha sido relevante ao apresentar, entre outras coisas, um histórico reflexivo das pesquisas no Brasil, a primeira versão da nossa *Bibliografia da Arqueologia Brasileira* (que já comportava mais de 2.000 títulos) e um estudo das unidades estilísticas da arte rupestre do centro mineiro mais detalhada que o texto divulgado em *Pesquisas*. Neste início dos anos de 1980, começávamos também a publicar no exterior, despontando como um centro de referência para arqueologia brasileira.

Confesso que perdi uma boa oportunidade de divulgar a arqueologia de Minas Gerais. Nos anos de 1990, o Carnavalesco da Beija Flor veio ao Setor de Arqueologia com a ideia de homenagear a Mulher do Piauí e o Homem de Lagoa Santa. Chegamos a mostrar para ele pinturas rupestres do centro mineiro particularmente da Lapa do Ballet, que o encantaram. Quando o homem anunciou que eu teria que desfilar como destaque, preferi fugir para França. Pelo que me disseram, Niede Guidon encarou com galhardia e desfilou na Marquês de Sapucaí.

Participação à vida da comunidade brasileira de arqueólogos

Particpei da reunião organizada em 1980 em Goiânia que resultou na criação da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Fui eleito para a Comissão de Seleção de sócios com Tom O. Miller e M. Simões. Levamos muito a sério nossa missão, desenvolvendo uma intensa correspondência ao longo dos dois anos seguintes. A primeira reunião da Sociedade foi realizada no Rio de Janeiro e a segunda, em Belo Horizonte, quando hospedamos os colegas nos alojamentos esportivos do Mineirão. Publicamos a seguir as Atas

destas duas reuniões iniciais nos Arquivos do Museu de História Natural. Desde então, o Setor de Arqueologia da UFMG participou de forma constante dos congressos e da vida da sociedade, elegendo duas vezes o vice-presidente, e numerosos membros das comissões e dos conselhos (fiscal e editorial). Particpei também, em 1996, da criação do Forum Interdisciplinar para o Avanço da Arqueologia - iniciativa proposta também por T. Andrade Lima e W. Neves - que visava completar a ação da SAB, através de um boletim de ligação entre os sócios e reforçar a formação de arqueólogos através de cursos não pagos propostos pelos membros do fórum. De fato, esta tentativa não teve muita duração. Seu boletim desapareceu em 1997 após o número 8, quando houve mudança de direção. Durante sua vida efêmera, o Forum propôs dois cursos intensivos (um, de tecnologia lítica – ministrado por mim – e outro, de estudo de cerâmica – ministrado por I. Wüst -, ambos realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a convite de S. Copé. Os membros do Setor sempre tentaram trabalhar com o maior número possível de pessoas. Já vimos a aproximação com o curso da Estácio de Sá, no início dos anos de 1980; também articulamos nossas pesquisas com as da equipe da UFJF, então dirigida por Ana Paula de Paula de Oliveira, e as do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH) da USP dirigido por W. Neves . O catálogo de pinturas tupiguarani reuniu dezenas de pessoas que nunca tinham tido a oportunidade de trabalhar juntos. Andrei Isnardis, Lucas Bueno e J. Rodet também lançaram várias iniciativas no sentido de provocar um diálogo entre grupos diversos – particularmente no âmbito das pesquisas de indústrias líticas - de forma que não fossem apenas reuniões formais como congressos, nas quais a troca

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 247

de ideias é pouco espontânea e fluída. Organizaram um encontro nacional sobre pesquisas em tecnologia lítica, cujas Atas conjugam uma notável diversidade de perspectivas teóricas e abordagens, representadas por várias gerações de pesquisadores.

OS ESTUDOS EM PRÉ-HISTÓRIA DO SETOR DE ARQUEOLOGIA DA UFMG

Ao longo do século XX, realizamos paralelamente escavações intensivas (focalizando um único sítio) e pesquisas secundárias. Entre estas podemos citar a pesquisa realizada na aldeia circular Sapucaí de Ibiá (1980), os levantamentos rupestres preliminares nas regiões de Diamantina e da Serra do Cipó (1976/82) e mais sistemáticos, em Lagoa Santa e Cocais (nos anos de 1980). Fizemos prospecções no município de Arcos a pedido do Prefeito da cidade, levantando casas subterrâneas e abrigos com inscrições rupestres. Mais tarde, J. Rodet realizou prospecções no norte do estado (Serra do Sabonetal).

Outros trabalhos foram realizados por membros do Setor de Arqueologia para atender solicitações do IPHAN ou da Promotoria Pública. Citaremos como exemplo escavações para resgatar estruturas funerárias (São Gotardo em 1991; em Belo Vale 2004; em Iguatama em 2007; perto de Ipanema em 2011). Escavações e sondagens assim como levantamentos rupestres foram feitos no município de Andrelândia (em 1984). Esta última operação levou criação de um Parque, realizado por iniciativa de uma ONG (o Núcleo de Pesquisas Aqueológicas do alto vale do Rio Grande -

NPA); tornamos, anos mais tarde, a escavar neste município, em colaboração com o NPA. Fomos também solicitados a verificar achados de corpos mumificados e trançados preservados na Gruta dos Puris em Carangola (1993), mas nossas recomendações para a preservação do sítio e dos vestígios já coletados restaram sem efeito. No entanto, preferimos nos concentrar em projetos regionais ou temáticos de maior duração.

A primeira pesquisa intensiva: Santana do Riacho

Enquanto a equipe dirigida por A. Emperaire continuava escavando a Lapa Vermelha decidi procurar na Serra do Cipó, 60 km ao norte de Lagoa Santa, um sítio intacto e rico em vestígios, que não tivesse sido destruído pelos amadores. Após algumas tentativas frustradas (vários sítios, tal Sucupira e a Lapinha de Jaboticatubas, tinham sido esburacados), decidi me fixar no grande abrigo de Santana do Riacho, que tinha sido protegido pelos proprietários contra amadores que queriam escavar o local. As primeiras sondagens (em 1976) evidenciaram uma grande riqueza em material e a presença de sepultamentos. Desta forma dirigi uma equipe de escavações enquanto encarregava dos levantamentos rupestres P. Colombel, um técnico especializado da Missão francesa e Gisele Rocha Silva. As escavações foram realizadas de 1976 a 1979 e somaram mais de quatro meses. Ainda voltamos várias vezes nos anos seguintes para estudos complementares de vegetação, geomorfologia e levantamentos rupestres. A ocupação no abrigo revelou uma profundidade cronológica de quase 12.000 anos (não calibrados; uma datação direta dos ossos de um esqueleto, em 13.000 anos, não deve ser considerada, pois a sua

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 249

posição estratigráfica implica uma antiguidade pouco maior que 8.000 anos). Os principais resultados foram a localização de um cemitério deixado pelos representantes da população dita “de Lagoa Santa” em contexto muito bem datado e a observação minuciosa dos ritos funerários. Ao estudar as indústrias desde o Holoceno antigo até o período pré-cerâmico recente, entendemos finalmente as características do trabalho de quartzo, realizado em grande parte sobre bigorna. Este procedimento era ignorado pela grande maioria dos pré-historiadores na época, apesar de ter sido mencionado por H. Breuil desde os anos de 1920 em indústrias do Paleolítico antigo da China. Pudemos generalizar o reconhecimento desta técnica na América do Sul, ao mesmo tempo em que se instalava nosso laboratório de traceologia que iniciava o reconhecimento dos micro vestígios de utilização em gumes de pedra (Prous & Lima 1991; Lima & Mansur 1991). Conseguimos também datar neste sítio várias pinturas feitas em blocos caídos do teto – inclusive com datação ao mesmo tempo mínima e máxima – e períodos (um antigo, outro do Holoceno médio) de intensa preparação de pigmentos. Enfim, pudemos estudar detalhadamente numerosos restos alimentares. Restos de pequi, coquinhos e jatobá ocorriam nos sepultamentos desde quase 10.000 anos atrás, enquanto grãos de milho pré-histórico eram coletados em cerca de 2.000 anos (em contexto seguro) e talvez 4.000 anos (em contexto duvidoso). Instrumentos de fibras e adornos vegetais foram também preservados (Prous & Malta coord. 1991; Prous coord. 1992).

Fora do grande abrigo realizamos nos arredores, ao pé da Serra do Cipó, levantamentos de sítios a céu aberto (sondamos “casas subterrâneas” em Pula Cinco) ou abrigados. Entre estes últimos

destacaremos Sucupira, que forneceu elementos excepcionais de cronologia relativa para os sucessivos estilos de pintura, e o Morro Vermelho, onde pinturas do período histórico (uma bela evocação da cidade de Mariana) sobrepõem grafismos pré-históricos.

Nos mesmos anos em que começávamos as escavações sistemáticas em Santana do Riacho, preparávamos novas frentes de pesquisa. Em junho de 1976, Prefeito e fundador da cidade de Montalvânia, Antônio Montalvão, tinha procurado o IEPHA, buscando quem estudasse as gravuras e pinturas rupestres desta região do norte do estado. Convidados ao encontro, A. Empeaire e eu ficamos muito impressionados pela riqueza arqueológica do alto médio São Francisco; fui então encarregado de levar um pequeno grupo para visitar uma amostra dos sítios descobertos pelo Prefeito e seu capanga, João “geólogo”. Na volta da expedição, foi decidido que realizaria escavações num sítio e organizaria prospecções sistemáticas nos arredores de Montalvânia no ano seguinte (1977). Foi então que A. Empeaire faleceu. Decidi não prolongar mais as escavações na Lapa Vermelha, tanto por razões pessoais quanto por considerar que este sítio já tinha entregado o que de mais importante podia fornecer e que precisava se manter o grande corte remanescente para fins didáticos.

A campanha de 1977 em Montalvânia foi dedicada ao estudo do sítio do Dragão (escavações e levantamento sistemático dos grafismos rupestres) e à prospecção: mais de 50 sítios foram registrados, mercê ao apoio de João “geólogo”, apesar da derrota de A. Montalvão nas eleições municipais, evento que acarretou dificuldades imprevistas e episódios tragicômicos para nossa expedição. Mais uma vez, as escavações privilegiavam um abrigo, pois este tipo de sítio tem a

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 251

vantagem de concentrar vestígios, ser reocupado frequentemente e oferecer uma estratigrafia contrastada, proporcionando assim informações para documentar as modificações comportamentais ao longo do tempo dentro de um mesmo ambiente, pois, nos abrigos secos de Minas Gerais preservavam-se matérias perecíveis. As pesquisas realizadas em Montalvânia nos mostraram, por contraste, a grande diferença existente entre a ocupação do platô e das serras do centro de Minas Gerais de um lado, e aquela desta parte do vale do rio São Francisco. Os conjuntos gráficos parietais de cada região refletiam obviamente conceitos totalmente diferentes. As variações na indústria lítica em sílex eram bem mais facilmente perceptíveis no norte do estado, a partir das indústrias de sílex, que no centro, onde predominava o quartzo. Finalmente, verificava-se em Montalvânia a presença de maior quantidade e variedade de vestígios vegetais particularmente bem preservados - inclusive de plantas cultivadas.

Apesar dos projetos iniciais de continuar a pesquisa na região, ficamos vários anos sem voltar em Montalvânia. A distância era muito grande, o asfalto não ia além de Montes Claros, e não se podia mais contar com o apoio irrestrito da Prefeitura. Mesmo assim, queria realizar um estudo aprofundado de uma região um pouco mais próxima no vale do rio São Francisco, para aprofundar o reconhecimento da oposição entre as duas regiões – centro e norte mineiro. Para tanto, resolvi me fixar no vale do rio Peruaçu. Voltamos, no entanto, em Montalvânia nos anos de 1990, essencialmente para completar os levantamentos rupestres. Com efeito, nossas pesquisas no vale do rio Peruaçu tinham evidenciado a existência de numerosos pontos comuns nos registros rupestres

das duas regiões do alto médio São Francisco (presença dos mesmos estilos e tradições, na mesma sequência), mas também, de diferenças significativas. Estas iam permitir diferenciar o *Complexo Montalvânia*, muito mais desenvolvido essencialmente no município epônimo - onde se expressava, sobretudo, na forma de gravuras - da *tradição São Francisco* (esta, predominante no vale do rio Peruaçu).

Atualmente, Rogério Tobias atua em prol do estabelecimento de unidades de proteção aos sítios do vale do Rio Cochá, enquanto o estudo das técnicas de elaboração dos grafismos picoteados da Lapa de Poseidon levou Henrique Alcântara a testar novas técnicas de levantamento fotográfico.

As pesquisas no vale do Rio Peruaçu (região de Januária e Itacarambi)

Antônio Montalvão foi quem nos falou pela primeira vez das ocorrências do Vale do rio Peruaçu. Quando desistimos de continuar as pesquisas em Montalvânia, enviamos um primeiro grupo de prospecção Peruaçu, em 1978, numa expedição realizada em conjunto com A. Bryan e R. Gruhn, com os quais havia então um projeto de colaboração – iniciada com sondagens na região de Montes Claros. Esta colaboração não foi adiante, mas nossa equipe mista (Missão franco-brasileira) iniciou em 1981 um longo programa de pesquisas na região, cujas atividades de campo foram desenvolvidas até 1995. As escavações se concentraram inicialmente em abrigos (Boquete, Malhador, Bichos, Caboclo, Índio), mas foram mais tarde estendidas a sítios abertos (Boquete externo, Terra Preta, Antônio Cardoso, Russinho, etc.) para permitir uma visão

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 253

mais completa da ocupação do vale. Verificou-se a modificação da forma de ocupação assim como da tecnologia ao longo dos milênios de ocupação. Os belos pisos do primeiro momento de uso dos abrigos (datados em 12.000 anos – não calibrados) proporcionaram vestígios muito variados em estruturas in situ, embora não tivéssemos encontrado estruturas funerárias datadas do Pleistoceno final nem do Holoceno antigo. Os primeiros vestígios datados de grafismos rupestres datam desta época (gravuras com cerca de 9.000 anos), assim que restos de pigmentos vermelhos. O período Holoceno médio, longe de ser caracterizado por um abandono da região, é marcado nos abrigos por uma intensa atividade de utilização de pigmentos, provavelmente destinados à pintura das paredes e dos tetos. No entanto, as atividades de fabricação e uso de instrumentos de pedra e osso que eram frequentemente realizadas anteriormente em abrigos se tornam mais raras neste período, sendo provavelmente executadas em sítios a céu aberto. No Holoceno superior os abrigos foram utilizados intensivamente para guardar alimentos depositados dentro de cestos (pseudo-silos contendo milho, mandioca, feijão e amendoim, além de frutos silvestres) e, de maneira mais casual, para enterrar mortos. Por outro lado, o estudo dos paredões decorados, pelo qual se verificou uma mesma sequência em todos os sítios, permitiu detalhar a modificação dos temas e das formas de representação ao longo do tempo; na Lapa dos Desenhos, oito “momentos” estilísticos puderam ser assim ser separados, que tentamos relacionar com os níveis encontrados nas escavações. De qualquer forma, era óbvio que os abrigos nunca tinham sido locais de habitação, mas apenas de frequência mais ou menos esporádica, pois os restos de subsistência não eram

representativos de atividades cotidianas. Infelizmente, nunca encontramos lixeiras alimentares, que não se preservaram nos locais a céu aberto que escavamos; mesmo assim, as pesquisas no vale do rio Peruaçu proporcionaram um quadro comparativo e de referência muito rico para todo o Brasil central e, particularmente, para o médio vale do São Francisco.

Apesar de termos abandonado as pesquisas intensivas no vale do Rio Peruaçu, equipes da UFMG continuaram procedendo a atividades pontuais no carste. Participamos das pesquisas para elaboração do Plano de Manejo (2003/2005).

Preparando a publicação final das pesquisas realizadas na região, trabalhos de campo de curta duração vêm sendo agora realizados por Marcelo Andrade, Vanessa Linke, Henrique Alcântara, Mara Chanoca, Andrei Isnardis e André Prous, enquanto estudos de laboratório são feitos por Letícia Dutra e análises de solos arqueológicos, por Daniel Vieira de Souza.

Os (ou as!) ceramistas Tupiguarani

Após o fim das escavações no Peruaçu decidimos deixar a arqueologia dos povoamentos antigos, dos registros rupestres, dos restos alimentares e dos abrigos. Colaboradores que pesquisavam no Vale do Rio Doce (região de Itueta e Aimorés) e colegas que trabalhavam na Zona da Mata (UF de Juiz de Fora) nos convidaram a participar das suas escavações em sítios tupiguaranis. Considerando a riqueza destas regiões em sítios e entusiasmado pela qualidade das pinturas em cerâmica que apareciam num sítio de Conceição dos Ouros, decidi montar um projeto para estudar esta tradição. Após uma fase intensa de pesquisas no tempo do *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014.* 255

PRONAPA, a Tradição tupiguarani tinha saído de moda e parecia esquecida pela arqueologia acadêmica. Parecia-me urgente estudar sítios inteiros para analisar sua estrutura interna, revisitar sua indústria (particularmente, lítica, praticamente desconhecida) e abordar seriamente a iconografia das cerâmicas pintadas, até então praticamente esquecida e que me pareciam um meio de abordar a territorialidade dos diversos grupos ligados a esta Tradição. Assim, montei um projeto de arqueologia tupiguarani para o sul de Minas Gerais. Logo depois de colaborar a uma pesquisa dos sítios de baixa altitude acima do Rio Doce (realizada no âmbito de uma pesquisa de resgate) escavamos no município de Andrelândia um sítio notável pela presença de “caretas” modeladas. A seguir, organizei a escavação completa do sítio Florestal 2 (2001/2004), situado em topo de morro abrupto e fora da zona de resgate, para estudar a ocupação deste tipo de sítio estratégico, até então inexplorado pela arqueologia tupi-guarani. A aldeia tinha sido ocupada durante um tempo aparentemente restrito e foi preservada quase intacta. Desta forma, sua estrutura estava legível, e tornava-se possível estudar a tralha de cada uma das habitações, assim como dos postos de trabalhos situado fora das casas. Ao analisar os vestígios líticos deste sítio, fomos levados a estudar os instrumentos com dentes de pedra destinados a ralar mandioca, mencionados entre os Tupis do século XVI, mas nunca documentados nem etnograficamente nem arqueologicamente entre eles ou entre os, Tupi e Guarani, históricos. Este trabalho desdobrou com a análise de instrumentos atuais dos índios Baniwá e Waiwai. Realizamos observações entre grupos Waiwai do Amazonas e do Pará, além da fabricação de réplicas e experimentação. Os instrumentos líticos utilizados brutos

receberam particular atenção (Pessoa Lima 2005). Em sua tese, J. Rodet já tinha estudado a indústria lítica de níveis de ocupação em abrigo do vale do rio Peruaçu associados com cerâmica tupiguarani intrusiva.

Levamos nossos colegas brasileiros, uruguaios e argentinos de todas as tendências a compor uma obra coletiva sobre os vários aspectos da arqueologia tupiguarani e sobre o mundo simbólico dos seus prováveis descendentes. Finalmente, ampliamos o estudo das pinturas tupiguarani às coleções de todo o Brasil, da Argentina e do Paraguai, cujo catálogo, realizado com Rachel Rocha, Camila Jácome, Mara Chanoca e a colaboração de numerosos colegas do Brasil e da Argentina, estão em fase final de publicação. Gostaria também de mencionar os indícios de fornos tupiguarani para queimar cerâmica, encontrados em sítios de Conceição dos Ouros por P. Araujo, e de Itueta, por A. Baeta. Infelizmente, os resultados de todas estas pesquisas estão ainda longe de ser publicados adequadamente.

Sítios Buritizeiro e da região de Jequitai

Já nos anos de 1980 uma equipe da UFMG tinha constatado a existência de um importante cemitério pré-cerâmico frente à Pirapora, na cidade de Buritizeiro. O sítio era relevante por ser um local a céu aberto numa situação estratégica para a pesca, a proximidade da confluência do Rio das Velhas e com o Rio São Francisco. Apresentava características situacionais que ainda não tínhamos encontrado nos sítios pré-cerâmicos até então escavados, além de conter uma indústria sobre seixos que nos interessava desde os anos de 1980 (Prous 1996) e que passou a ser estudada

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 257

sistematicamente sob a orientação de J. Rodet (Machado, Rodet & Prous 2008). Quase 20 anos depois, W. Neves obteve uma datação de 6.000 BP para uma das amostras ósseas que nossa equipe de prospecção tinha coletado. O estudo deste sítio tornava-se assim mais relevante, pois se tratava do primeiro cemitério no Brasil que pudesse fornecer uma boa amostra de esqueletos do Holoceno médio. Discutia-se a forma pela qual tinha ocorrido a substituição de populações paleo-índias não mongolizadas (ditas “de Lagoa Santa”) bem datadas entre ca. 11.000 e 8.000 BP por populações modernas mongolizadas (bem representada somente a partir de ca. 4.500 BP, nos sambaquis). Teria havido uma evolução gradual de uma morfologia para outra? Uma substituição traumática de população? O cemitério de Buritizeiro poderia fornecer elementos de resposta por inserir-se no período intermediário. Realizamos, portanto, entre 2005 e 2009, uma escavação sistemática de parte do terreno que tinha escapado da destruição nos anos de 1980. Como não dispúnhamos de bio-antropólogos para analisar os vestígios esqueléticos, asseguramos uma colaboração com o Laboratório de Estudos Evolutivos do Instituto de Biologia da USP.

Nos níveis correspondendo ao cemitério (entre 5.000 e 6.000 BP – datas não calibradas), a indústria óssea é particularmente interessante, evidenciando a utilização de pontas de diversas características e funções. As análises do amido preservado em superfícies de moagem comprovou a presença de plantas cultivadas num período muito mais remoto do que se supunha até então, confortando nossa antiga afirmação de que os procedimentos agrícolas seriam bem anteriores ao aparecimento da cerâmica. A delicada curadoria dos restos esqueléticos faz com que somente

observações preliminares sobre a população enterrada no sítio tenham sido realizadas até agora, mas já se verificou diferenças nítidas nos acompanhamentos funerários (tanto na indústria lítica quanto óssea) dos diversos enterramentos: uns com conjuntos de grandes pontas losangulares (provavelmente reunidas em aljava); outros com grandes mós; outros, com “estojo de viagem”, etc.

Para não ficarmos limitados ao estudo de um único sítio isolado de todo contexto, a equipe do MHN também realizou a partir de 2007, sob a coordenação de M. J. Rodet prospecções ao redor do município de Buritizeiro. Ampliaram-se as pesquisas para o município de Jequitai, onde foram localizados numerosos sítios novos. J. Rodet e D. Talim escavaram vários abrigos, enquanto M. Castro e Silva e R. Tobias Jr se encarregavam dos levantamentos rupestres nos arredores. Em seu Mestrado, R. Tobias repensou o grau e a natureza das semelhanças e distinções entre os modos de expressão gráfica do Centro e Norte mineiros, questionando o alcance e limitações de nossas unidades classificatórias.

O abrigo Bibocas II (ocupado desde antes de 11.470 BP) permite estudar a transformação das indústrias, que aproveitaram tanto o quartzito dos paredões, quanto o silexito regional e o quartzo cristalino analisado por L. Bassi). O registro rupestre, por sua vez, acompanha a transição entre as formações quartzíticas e calcárias: as principais manifestações estilísticas se dividem entre os dois espaços geológicos, como se os pré-históricos ressentissem suas paisagens diferenciadas como marcadores de territórios separados. J. Rodet amplia agora a pesquisa para a região de Lagoa dos Patos, onde está encontrando uma cerâmica que não entra nas categorias já tradicionais da pré-história do Brasil Central. Para determinar

as fontes de matéria-prima líticas nas regiões de Buritizeiro e de Jequitai, Ulisses Penha testou uma adaptação dos métodos de prospecção geológica às necessidades específicas dos arqueólogos.

Ainda é cedo para fazer o balanço da arqueologia regional, pois as escavações em Jequitai não terminaram e a análise do sítio de Buritizeiro não está concluída. Mesmo assim, podemos salientar o interesse excepcional da comparação entre as indústrias do abrigo e as do sítio a céu aberto, que se desenvolvem paralelamente desde mais de 10.500 anos atrás, privilegiando matérias primas locais de qualidade diferentes e suportes (seixos, cristais ou blocos). Desta forma se pode estudar como dois grupos contemporâneos e vizinhos (o talvez até, pertencendo a um único grupo) se adaptam às condições locais, modificando sua forma de fabricar instrumentos.

Por outro lado, articulando as pesquisas realizadas nas terras altas do centro mineiro (perto de Diamantina sob a coordenação de A. Isnardis e de Montes Claros sob a coordenação de L. Bueno), estamos tentando determinar as relações e as oposições entre a região Serrana e o vale do rio São Francisco, interligados justamente pelo curso do rio Jequitai.

Diamantina e Montes Claros

Paralelamente às pesquisas realizadas em Buritizeiro, o grupo de pesquisadores do Setor de Arqueologia orientado por Andrei Isnardis, instalado no laboratório que tradicionalmente chamamos no Museu de “Casa do Zezinho”, em honra ao antigo morador desse modesto edifício, começou a se dedicar ao estudo arqueológico do Centro e Norte de Minas Gerais.

Foram assim iniciadas pesquisas na região de Diamantina no

ano de 2004, que previam uma articulação entre levantamentos de registros rupestres e escavações. Eram levantadas três questões básicas: seria possível distinguir estilos nas pinturas rupestres regionais e organizá-los cronologicamente? Haveria padrões reconhecíveis de escolhas de sítios para a realização de pinturas rupestres? Quais seriam as características dos vestígios enterrados do Holoceno Médio (período que, hipoteticamente, corresponderia ao contexto de produção dos grafismos rupestres)? Delineados os primeiros contornos de uma cronoestilística dos grafismos rupestres regionais, a pesquisa passou a estudar a articulação dos sítios como componentes de paisagens culturalmente modificadas. Nesta linha, a dissertação de Vanessa Linke mostrou um padrão de escolha de locais a se pintar amplamente dominante e uma crescente manutenção desses lugares, na medida em que os estilos regionais de pintura se sucediam.

A região de Diamantina é marcada por uma frequência elevada de lugares pintados. Foram reconhecidos, em parte dos municípios de Diamantina, Datas, Gouveia, Serro e Monjolos, cerca de 150 sítios. Emergem fortes semelhanças entre os conjuntos gráficos locais e aqueles da Serra do Cipó, do carste de Lagoa Santa e da Serra do Cabral, onde também predominam as figuras zoomorfas agrupadas sob a categoria classificatória *Tradição Planalto*. Em Diamantina, contudo, há uma ênfase temática parcialmente diferenciada: embora ali também predominem largamente as representações que se assemelham a cervídeos e outros quadrúpedes, acompanhadas pelas não muito numerosas - mas sempre presentes - figuras ictiomorfas, há um interesse expressivo em figuras antropomorfas, de notável diversidade, e em figuras ornitomorfas.

As sondagens e primeiras escavações ampliadas, assim como coletas de superfície, permitiram definir dois horizontes de ocupação nítidos e entre si muito afastados: um da transição Pleistoceno/Holoceno e do Holoceno Inicial, com datações de 10.560 BP a 8.760 BP; outro do Holoceno Superior, com datações de 1.220 BP a 680 BP. Essa ocupação do Holoceno Superior tornou-se um dos focos de nossos esforços de pesquisa. Um conjunto de estruturas funerárias secundárias, em que os ossos se depositam em estojos cilíndricos de cascas de árvore tampados por couro, foi evidenciado na Lapa do Caboclo, em muito bom estado de preservação. A tese de A. Isnardis abordou os sítios que apresentavam este horizonte mais recente sob uma perspectiva sistêmica, buscando identificar seus papéis no modo de vida pré-colonial recente, a partir da sua morfologia, da sua inserção na paisagem, da gestão das matérias-primas líticas e da tecnologia de seus conjuntos artefatuais (cuja análise deve muito a Ângelo Pessoa). A pesquisa de mestrado de Rafael Miranda explorou o Garimpo do Turco - um dos poucos sítios a céu aberto, seguramente anterior ao horizonte do Holoceno Superior, mas de inserção cronológica incerta. Buscou uma caracterização tecnológica de uma rica indústria de quartzo, relacionada à produção de artefatos bifaciais. A análise preliminar do horizonte de ocupação mais antiga da região procurou, sobretudo, pensar suas possíveis semelhanças com as ocupações contemporâneas de outras áreas do Brasil Central. A tese de doutorado de Ana Carolina Cunha, agora em desenvolvimento, se propõe a comparar as formas de gestão de matérias-primas nas indústrias líticas dos dois horizontes de ocupação.

Os trabalhos com grafismos rupestres foram construídos

pelo grupo formado centralmente por Vanessa Linke e Andrei Isnardis, integrado durante alguns anos também por Luiza Câmpera e, atualmente, por Raíssa Baldoni e Nathalia Dias. Alguns desdobramentos das análises cronoestilísticas nos abriram possibilidades muito ricas de abordagem: o modo de construção gráfica das figuras e a construção diacrônica de figuras e painéis. Foram identificados modos peculiares de compor os grafismos, utilizando traços fluidos, sem oposição entre contorno e preenchimento. Em outras regiões com pinturas semelhantes, os painéis haviam sido descritos como apresentando sobreposições intensas, em composições aparentemente caóticas. A composição dos painéis em Diamantina, fortemente marcada por essa intensidade das sobreposições, é caracterizada não pelo caos, mas por um sofisticado jogo de justaposições, sobreposições sistemáticas e encaixes entre figuras realizadas em momentos diferentes, assim como por frequentes reapropriações parciais ou integrais de figuras precedentes para compor novos grafismos.

Vimos que uma expedição tinha sido realizada em 1976 na região cárstica de Montes Claros por A. Bryan e R. Gruhn (Universidade de Alberta, Canadá) com a participação de membros do Setor de Arqueologia da UFMG e sob nossa coordenação formal. A sondagem da Lapa Pequena tinha proporcionado vestígios de uma ocupação datada em 7.000 BP. Entre outros vestígios líticos, numerosas bigornas tinham atraído nossa atenção desde os anos de 1980, nos levando a trabalhar, com M. T. Moura em 1988 os instrumentos utilizados brutos (percutores e bigornas), com intensas experimentações e análises de vestígios de utilização. A Lapa Pintada próxima apresentava um amplo espaço, protegido

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 263

por pinturas rupestres. Em 2007 e 2008, L. Bueno (que estava fazendo um pós-doutorado no MHN e JB da UFMG) e A. Isnardis, desejosos de estudar a região intermediária entre Diamantina e o vale do Rio Peruaçu, decidiram sondar as partes ainda intactas do sítio, encontrando silos parecidos com aqueles do vale do rio Peruaçu.

A partir de 2010 a oportunidade de se fazer uma avaliação arqueológica do Parque estadual da Lapa Grande permitiu a volta a Montes Claros de uma equipe da UFMG. Montou-se uma equipe, coordenada por Andrei Isnardis, Rogério Tobias e Vanessa Linke, que contou com a importante participação de Frederico Gonçalves. Esta atividade permitiu treinar um grupo numeroso de alunos da graduação de Antropologia. O projeto tem-se baseado na discussão horizontalizada de métodos e resultados, constituindo-se numa experiência muito rica para todos.

Pesquisas etnoarqueológicas com garimpeiros:

As escavações realizadas por integrantes do Setor de Arqueologia Pré-Histórica em regiões de garimpos e mineração de quartzo os levaram a se interessar especificamente por estas atividades. Com efeito, nos níveis subsuperficiais dos abrigos da região de Diamantina e de Jequitai, os vestígios líticos deixados pelos últimos frequentadores indígenas dos abrigos se misturam com os restos de lascamento atuais feitos pelos garimpeiros atuais. Neste território riquíssimo em monocristal, a produção é vendida principalmente a indústrias que precisam de sílica pura. Desta forma, é preciso descortçar totalmente os cristais, cuja superfície retém impureza. Esta operação é realizada durante o almoço, na sombra dos abrigos

e abaixo dos paredões pintados. Em consequência, a pesquisa arqueológica gerou um trabalho etnográfico; além de se analisar os refugos atuais (em abrigo e em amontoamentos monticulares a céu aberto), estudam-se as práticas e repartição de tarefas nas aldeias que vivem do garimpo e da preparação dos cristais.

Foi assim que Andrei Isnardis, Angelo Pessoa Lima e Loredana Ribeiro no Alto Jequitinhonha; Jacqueline Rodet no vale do rio Jequitai; Angelo Lima na região de Carajás (onde participou das pesquisas da Universidade Federal do Pará da *Scientia Consultoria*) estudaram não apenas a tecnologia dos garimpeiros, mas hábitos específicos às sociedades rurais que vivem desta atividade.

Algumas comunidades de cristaleiros que vivem no Alto Jequitinhonha começam a abandonar esta atividade, substituindo-a pela coleta de musgo (muito procurados para compor presépios alemães) ou de sempre-vivas. Foi assim que Luiza Câmpera compôs sua monografia de graduação em Ciências Sociais sobre as redes de relações de coletores de flores silvestres da comunidade do Galheiro, bem no centro da área mais intensamente pesquisada pela equipe das UFMG.

Pesquisas realizadas fora do estado

Os pesquisadores da UFMG não limitaram sua ação ao estado de Minas Gerais. Além de participar a título pessoal de pesquisas coordenadas por outras Instituições, organizaram também projetos próprios, geralmente articulados com outras Universidades: Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidades federais do Rio Grande do Sul, de Sergipe, de Santa Catarina, etc. Em troca, recebemos pesquisadores ou estagiários da Universidade Estácio

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 265

de Sá, da Universidade Federal a Bahia, da Universidade Federal de Ouro Preto, etc. Apoiamos várias vezes as iniciativas de outras universidades em montar equipes e pesquisas arqueológicas (por exemplo, na Universidade Federal de Sergipe, quando se iniciou o projeto de construção da hidrelétrica de Xingó).

Já tínhamos apoiado o estudo das indústrias líticas dos sítios pré-cerâmicos do PAC (Projeto Amazônia Central) realizado por nosso ex-orientando F. Costa. A criação do curso de pós-graduação em Antropologia (integrando antropologia e arqueologia) levou a elaboração, em 2010, de um projeto comum envolvendo arqueólogos e antropólogos, nos formadores do rio Trombetas (PA) onde o etnólogo da UFMG R. Caixeta de Queiroz trabalha há mais de um decênio com os grupos indígenas, tendo contribuído de forma decisiva para a delimitação das terras indígenas da região. O estudo do material proveniente da pesquisa, objeto do doutorado de C. Jácome e de várias monografias, está ainda em curso. Verificou-se uma ocupação humana com cerca de 7.000 anos de antiguidade. A maioria dos sítios em análise, no entanto, é formada por terras pretas bem mais recentes, (a análise das fontes de carbono vem sendo realizado no ITEX da UFMG pela equipe de A. Jório). Tentamos avaliar as relações entre as Guianas e o vale do baixo Amazonas a partir da análise da cerâmica, dos vestígios líticos e do registro rupestre gravado e pintado.

Paralelamente, realizei uma pesquisa sobre a utilização e a iconografia das tangas marajoaras, que levou à fabricação de réplicas e testes de utilização com a participação de bolsistas e estagiárias do Setor.

Desde o início dos anos 2000, J. Rodet e D. Duarte Talim

desenvolvem pesquisas no norte e nordeste do país: estudam coleções líticas do estado do Rio Grande do Norte – particularmente, as pontas bifaciais características da região de Mossoró, também participando da formação dos alunos da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Paralelamente, J. Rodet estuda indústrias do início do Holoceno encontradas nos abrigos de Serranópolis conservadas em Goiânia (GO) e São Leopoldo (RS). Por outro lado, J. Rodet e D. Duarte Talim participam de projetos do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Universidade Federal do Pará, analisando as indústrias líticas provenientes das escavações em curso na bacia do rio Salobo, nas Serras norte e sul de Carajás, assim como na parte inferior da bacia do rio Trombetas e na Lapa do Pilão (também dita Pedra Pintada) de Monte Alegre. Na primeira destas regiões, destacam-se a utilização da caulinita silicificada (um ateliê de fabricação de contas de colar feitas com esta matéria foi estudado por J. Rodet e C. Falci). Nas serras de Carajás destacam-se as indústrias sobre cristal de rocha, citrina e ametista, trabalhados tanto por percussão dura quanto orgânica, e sobre bigorna. No baixo rio Trombetas, as indústrias são feitas a partir de matérias-primas como silexito, arenito e quartzito, além de apresentar minúsculos seixos de quartzo rachados sobre bigorna.

PARA CONCLUIR UMA HISTÓRIA QUE NÃO ACABOU

Já é tempo de fechar este histórico de um centro de pesquisa que esperamos seja agora consolidado no panorama da Universidade e da arqueologia brasileira. Peço desculpas por ter falado na primeira

pessoa – afinal, teria sido estranho fingir um distanciamento em relação a uma história que, durante muitos anos, foi estreitamente relacionada à minha própria. Também peço desculpas às pessoas que passaram pelo Setor de forma passageira e cujos nomes não foram mencionados aqui. Agradeço a todos os funcionários, estudantes, estagiários bolsistas -dos quais vários se tornaram meus colegas - graças aos quais foi possível aprofundar a arqueologia de Minas Gerais e colaborar com o conhecimento do passado do Brasil. Tendo começado em um momento em que a arqueologia estava ainda engatinhando ao mesmo tempo que aproveitava a herança da Missão Arqueologia de Lagoa Santa, acredito que o Setor de Arqueologia do Museu tenha sido pioneiro em muitos campos: na preocupação em trabalhar com especialistas das mais diversas áreas, em apoiar as análises sobre conhecimentos experimentais, no interesse em estudar os vestígios de subsistência (até então pouco desenvolvido fora da arqueologia dos sítios litorâneos), na compreensão das tecnologias líticas e dos estudos de traceologia. Pioneirismo também nos estudos de crono-estilística aplicada aos grafismos rupestres, e no estudo dos gestos que deixaram suas marcas tanto nos paredões naturais quanto nos artefatos de cerâmica ou de pedra.

O que talvez tenha sido minha principal preocupação em relação à comunidade arqueológica foi em superar as barreiras “ideológicas” que separavam os colegas quando cheguei no Brasil, através de iniciativas para reunir, em projetos de interesse comuns, pessoas de vários horizontes, formações, tentando superar os desentendimentos em prol do progresso do conhecimento. Fiquei também muito satisfeito em ter incentivado um primeiro trabalho

arqueológico que pudesse dar a palavra não apenas aos índios do passado, mas também aos fugitivos quilombolas que resistiram à sociedade colonial dominante. Não tive a oportunidade de atuar diretamente a favor dos grupos indígenas atuais, mas tive a felicidade de ver várias ex-orientandas se envolverem com comunidades nativas, tanto no estado de Minas Gerais quanto no Pará.

Desta forma espero ficar na lembrança de todos que comigo penaram para trazer um passado esquecido às populações presentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baeta, A. & Prous, A. no prelo “Os grafismos rupestres: história dos estudos sobre o registro rupestre pré-histórico no carste de Lagoa Santa” in: P. Da-Gloria, W. A. Neves e M. Hubbe *Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas*, ed. Annablume

Costa, F. 1997 *Academia de Ciências de Minas Gerais - Os Herdeiros de Lund*, Monografia de graduação

Hoch, E. & Prous, A. 1985 “A contribuição de P. W. Lund à arqueologia europeia e brasileira” *Arquivos do Museu de História Natural*, UFMG, **10**: 171-175.

Matos, A. 1947 *A pré-história de Belo Horizonte*, Biblioteca Mineira da Cultura, Belo Horizonte, 34 p.

Prous, A. 1978 “O Setor de Arqueologia da UFMG: Três anos de atividades” *Arquivos do Museu de História Natural*, **3**: 449-458.

Prous, A. 1996 “Histórico do Setor de Arqueologia UFMG e o papel das Missões Franco-brasileiras”, *Anais da 8ª reunião científica da SAB*, EDIPUC/RS, Porto Alegre, **1** (1): 131-150.

Prous, A. 2013 “As muitas arqueologias das Minas Gerais”, *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014*. 269

Revista Espinhaço, Diamantina, 2 (2): 36-54.

Prous, A. no prelo “As missões arqueológicas desenvolvidas na região de Lagoa Santa na segunda parte do século XX” **in**: P. Da-Gloria, W. A. Neves e M. Hubbe *Lagoa Santa: História das pesquisas arqueológicas e paleontológicas*, ed. Annablume

Rubinger, M. 1956/61 *Cadernos de anotações* manuscritos conservados no MHN-UFMG

Walter, H. D. Cadernos manuscritos depositados no MHN-UFMG.

PARTICIPANTES DAS ATIVIDADES DO SETOR DE ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA DO MHN E JB - UFMG

Vem a seguir uma lista das pessoas que participaram das atividades do Setor de Arqueologia pré-histórica, por ordem de entrada. Perdemos infelizmente as fichas de algumas pessoas a quem pedimos desculpas pelo esquecimento.

Período 1975/78

A equipe “de base” foi composta por Paulo Junqueira Alvarenga, Carlos Magno Guimarães, José Eustáquio Teixeira de Abreu, Ione Mendes Malta, Sandy Castellanos Solá, Ana Lúcia Duarte Lana, Gisele Rocha Silva (futuramente Catel), Thales Heliodoro Viana, Pascale Prous. De forma menos duradoura participaram Marcio Rosa, Wilfred Brandt, Edmundo Abi Ackel e Joaquim Glanzman Gomes. Marcelo Gatti, Alciri *** e as artistas plásticas Silvia

Gaia e Maria Irene Neves participara, durante algumas semanas, de atividades de campo. Contamos também com a colaboração do linguista George Snow e da e da indigenista Sonia Marcato.

Período 1977/1982

Da equipe de base permaneceram Paulo Junqueira, Carlos Magno Guimarães (contratados), Ione Malta, Maria Elisa Solá (Sandy) e Fabiano Lópes de Paula. Na época do curso de especialização, entraram Tânia Veloso, Marcio Alonso Lima, Rosângela Albano, Miriam Paiva Borges, Caio da Silva Lemos, Denise Pirani, Denise Stolle Paixão. Mônica ***, Wania Magalhães e Renato de Assumpção e Silva (aluno do curso) participaram das primeiras escavações no vale do rio Peruaçu, onde tivemos o prazer de receber durante duas semanas Tania Andrade Lima, então estagiária no Museu Nacional. Denise d'Ávila Duarte Campos, Joaquim Glanzman Gomes e Magno (hoje Professores na UFMG) e Belmiro Paranhos participaram das atividades realizadas no Museu.

Destacamos o papel dos motoristas do Museu, João Bárbara Filho e Sebastião Pinto que se integraram completamente à equipe.

Período 1983/1990

À equipe de base se acrescentaram Martha Castro e Silva (técnica da UFMG lotada no Setor de Arqueologia), Alexandra Siqueira, Janaina Motta, Marcos Eugénio Brito, Eunice Tavares de Resende, Bernardo Fogli, Marcia Brito (desenho), Ronaro Ferreira, Soraia de Jesus, Maria Tereza Moura, Sandra Regina Gonçalves. Cotamos com a secretária Heliane Diniz Ribeiro e os desenhistas Acacio Monteiro e Paulo Mauricio Vasconcellos. Em campo e desde 1981

desfrutamos dos conhecimentos e da dedicação do índio Xakriabá José Elias dos Santos, assistido a partir de 1982 por seus irmãos Juvêncio e Terêncio. Nas escavações do rio Peruaçu, mencionaremos a participação, em 1988, de Rodrigo Lavina e de Stephen Rostain (CNRS); em 1986, de Osvaldo Heredia e das professoras Carla *** e Iramar *** do curso de Arqueologia e Museologia da Universidade Estácio de Sá.

Período 1991/1999

Durante dois anos, o Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFMG Welber Silva Braga foi lotado no Setor de Arqueologia, assim como o desenhista Otto Leonardo Vieira. O secretário Marcos Mazzoni foi substituído por Rosângela Bitta, preciosa colaboradora para alguém como eu que precisava de ajuda para escrever em português, além de ser incapaz de trabalhar com imagens computadorizadas.

Estagiários, bolsistas e colaboradores novos passaram a compor a equipe de arqueologia: Emílio Fogaça (que seria concursado na UFMG, onde permaneceria alguns anos), Mônica Schlobach, Alenice Baeta, Juliene de Almeida, Edwar Koole, Fernando Walter Costa, Gilmar Pinheiro Henriques Jr., Henriques Augusto Mourão, Maria Jacqueline Rodet, Juliana Machado, Marcos Eugénio Brito, Andrei Isnardis, Victor Paredes Castro, Loredana Ribeiro, Ana Flávia Moreira, Divaldo Rocha, Eduardo Zauli, Luis Fernando Costa Miranda, Maria José Nogueira, Palestina Katbeh, Raquel de Moura, Ricardo Holzinger, (Sueli do Nascimento), Adriano Carvalho.

Agmar Xexeu teve um papel importante na documentação das

atividades nossas, e no apoio em campo.

Os motoristas João Bárbara e Sebastião Pinto aposentaram. Foram substituídos por Francisco Xavier Garcia, João Lúcio Câmara e Márcio Antônio Silva. Este último particularmente ligado ao Setor de Arqueologia, também veio a ter um papel muito importante na equipe.

Período 2000/2010:

Neste período desfrutamos no Setor da presença e da dedicação da copeira Ana Maria Saldanha.

Entraram os bolsistas e estagiários seguintes: Deborah Duarte (hoje: Talim), Filipe Amorelli de Figueiredo, Leandro Xavier, Camila Jácome, Lilian Panachuck, Luis Molina, Rachel Rocha, Gustavo Neves de Souza, Ângelo Pessoa Lima, Thiago Moreira, Déborah Lima, Vanessa Linke, Rafael Miranda, Alexandre Almeida (Mafaim), Igor Rodrigues, Ana Carolina Rodrigues Cunha, Elizângela Silva, Letícia Moura de Souza, Luana Arantes,

Durante dois anos, Lucas Bueno realizou um pós-doutorado no Museu.

Desde 2010/-

Neste período foram contratados os Professores Maria Jacqueline Rodet e Andrei Isnardis, que havia tempo eram membros da equipe de base. Estagiários e bolsistas, aos quais se acrescentam agora parte dos mestrandos e doutorandos em arqueologia pré-histórica são Ana Lídia Nézio, Letícia Dutra, Catarina Falci, Marcony Alves, Elber Lima, Raquel Nolasco, Raquel Rocha, Raquel Nolasco, Gabriel de Pádua, Raquel Nascimento, Ciro Gonçalves, Gustavo

Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico v. 23, n. 2, 2014. 273

Jardel, Henrique Alcântara, Rogério Tobias Jr., Vanessa Linke, Raissa Baldoni, Nathalia Dias, Rafael Miranda, Luis Bassi, Ulisses Penha, etc.

Entre 2001 e 2010:

Além das pessoas acima mencionadas, conservamos em nosso fichário o nome de estagiários cujo período exato de participação não ficou registrado, mas que entraram no setor entre 1991 e 2010:

Adriano Domeniconi Avila, Adriene Domingues, Alcino Handam, Alexandre Gobdo, Ana Emilia Vilella, Andrey Zanetti, Andreza Muschioni, Bárbara Porto, Bruna Coutinho, Bruno Ribeiro, Cláudio Soares, Cristiana de Andrade, Cristina Mascarenhas, Danilo Palhares, Denise Pimenta, Denise Morales, Ebio Machado, Fernanda Luiza Guimarães (1988), Françoise Souza, Francesca Ramondetti, Jackson Freire Araujo, Juliano Gomes, Kalil Pena Karina Lima (2007), Lea Pimenta, Leandro Nunes, Lucas Carvalho, Lilian Diniz, Luiz Henrique Coelho, Marco Túlio Ferreira, Marcos Breno Torri, Marcio Cardoso, Marcus Vinicius Neves, Maria Aparecida Lopes, Maria Última Teixeira, Martha Meniconi, Maura Diniz Machado, Priscila Andrade (botânica), Raquel Chagas, Ricardo Lia, Roberta Gome (estatística), Rodrigo Paixão Lopes, Rodrigo Cardoso, Rubens da Silva, Silvana Olivira, Simone Araujo, Sueli Nepomuceno, Ratiana Silva, Tatiane Comelli Martins, Tiago Alves, Valéria Silva, Verônica de Freiras, Victor Barbosa e Virginia Figueiredo.



Foto Lílian Panachuk

Da esquerda para a direita:

José Eustáquio Teixeira de Abreu; João Bárbara; Carlos Magno Guimarães; André Prous; Ione Mendes Malta; Maria Elisa C. Solá (Sandy); Wilfred Brandt; Fabiano Lopes de Paula; Edmundo Abi Ackel; Paulo Alvarenga Junqueira; sentada de costas: Rosângela Albano.



Foto Lílian Panachuk

Da esquerda para a direita:

Alenice Baeta; Juliana Cardoso (atrás); Maria Tereza Moura; Raquel Moura; Andrei Isnardis (atrás); Sueli do Nascimento ; André Prous; Victor Paredes; Márcio Alonso; Luis Fernando Costa Miranda; sentada de costas: Sueli Gleyde Martinelli; sentado: Paulo Junqueira.



Foto Daniel Cruz

Da esquerda para a direita:

Fabiano Lopes de Paula; atrás: Palestina Malta de Araújo Katbeh; na frente: Camila Jácome, com Ravi nos braços; atrás: Alenice Baeta; Alexandre Almeida; Lilian Panachuk de Sá; atrás: Ângelo Pessoa Lima; Adriano Carvalho. De lado, à direita, Luis Fernando Miranda.



Foto Lílian Panachuk

Da esquerda para a direita:

Henrique Alcântara; Luis Bassi; atrás Marcus Vinicius na frente: Déborah Duarte Talim; Vanessa Linke e Camila Jácome; ajoelhado: Ângelo Pessoa Lima; atrás: Wagner Mourin Gomes, Rafael Miranda e Frederico Gonçalves; Alexandre Almeida; no fundo: Igor Rodrigues e Adriano Carvalho; aparecendo apenas a face: Ulisses Penha; na frente: Maria Tereza Moura; a extrema direita: Márcio Alonso.



Foto Lílian Panachuk

Da esquerda para a direita:

Talita Barbara Costa de Oliveira; Luiza Valadares; atrás: Sérgio Medeiros; Flávia Vieira; Mara Chanoca; atrás: Elber Lima; na frente (sentado): André Prous; Marina Costa; atrás: Marcony Alves e Gustavo Jardel; na frente, Raquel Nolasco e Sarah Schmidt.



Foto Daniel Cruz

Da esquerda para a direita:

Maria Inês; Andrei Isnardis; Suley Gleyde Martinelli; Palestina Malta de Araújo Katbeh; Marcio Alonso e Maria Helena ; atrás: André Prous; na frente, a direita: Alenice Baeta, Luis Fernando Miranda e Maria Tereza Moura; atrás: Sandro Freitas, Ângelo Pessoa Lima e Lilian Panachuk; em terceira linha: Sueli do Nascimento, Victor Paredes e Rachel Moura.



Foto Lílian Panachuk

Da esquerda para direita: Rosângela Bita Oliveira, Marcos Túlio e Igor Rodrigues.



Foto Agmar Xexeu

Em campo, nas escavações externa frente à Lapa do Boquete: à esquerda: Ricardo Holzinger , Gilmar Henriques, Vitor Paredes e Walter Costa (a direita).



Foto Setorde Arqueologia.

Em campo (Jequitai): da esquerda para a direita: Sérgio Rodrigues, Déborah Duarte Talim, Sueli Nascimento, Maria Jacqueline Rodet, Raquel Nolasco, Daniel Vieira e Marcio Silva.



Foto Setorde Arqueologia.

Da esquerda para a direita: Juliana Machado, Déborah Duarte Talim, Jacqueline Rodet, (atrás: Sérgio Rodrigues, Vinicius Fiumari, Sueli Nascimento. Na frente: Marina Costa; sentado atrás: Ulisses Penha; Márcio Silva; em segundo plano: Ana Lídia Nézio; na frente, extrema direita: Rachel Nolasco.

Submissão – 20/05/2016

Aprovação – 21/07/2016